

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MESTRADO EM TEOLOGIA

RAPHAEL COLVARA PINTO

**A CIDADE COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA: O PENSAR TEOLÓGICO
NO CONTEXTO DO POLO NAVAL NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS**

PORTO ALEGRE

ABRIL, 2014

RAPHAEL COLVARA PINTO

**A CIDADE COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA: O PENSAR TEOLÓGICO
NO CONTEXTO DO POLO NAVAL NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Teologia do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Nythamar de Oliveira

Área de Concentração: Teologia Sistemática –
Pensamento Contemporâneo

PORTO ALEGRE

ABRIL, 2014

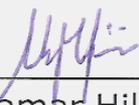
Raphael Colvara Pinto

“A CIDADE COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA: O PENSAR TEOLÓGICO NO CONTEXTO DO POLO NAVAL NA CIDADE DE RIO GRANDE/RS.”

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2014, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Nythamar Hilário Fernandes de Oliveira Jr.
(Orientador)



Prof. Dr. Érico João Hammes



Prof. Dr. Haroldo Reimer

AGRADECIMENTOS

Toda caminhada inicia com o primeiro passo. A princípio, as expectativas nos abrem uma série de escolhas; muitas delas parecem muralhas intransponíveis diante do nosso conturbado cotidiano. Conciliar tempo, distância e disposição são tarefas que exigem bastante de quem se propõe a galgar novos horizontes. Nunca julguei fácil os desafios a mim imputados, entretanto jamais desanimei diante dos entraves que encontrei nesse árduo desafio de realizar um novo curso. Concluindo esse trabalho, vi que, em cada degrau alcançado, sempre houve amigos ao meu lado, incentivando-me.

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me permitiu atingir meus objetivos. Aos meus pais, que sempre me encorajaram diante das dificuldades; a CAPES/PROSUP, pelo financiamento da bolsa de estudo; ao Prof. Dr. Leomar Brustolin, coordenador do curso de Pós-graduação em Teologia da PUCRS, pelo convite, bem como aos professores, funcionários e colegas, com os quais estabeleci relações significativas; ao orientador, Prof. Dr. Nythamar de Oliveira, pela atenção e incentivo; à secretária Flávia, pela prontidão em solucionar os problemas, quando ocorriam; aos paroquianos da Catedral de São Pedro, que souberam entender a minha ausência nos momentos em que estive em sala de aula; ao bispo Diocesano D. José Mário, pelo apoio e confiança e aos amigos Thais Nabaes, Thiago Nunes e Sílvio Prietsh, pela ajuda fraterna, e a todos que de forma direta ou indireta fizeram parte deste processo.

*“Nas grandes cidades do pequeno dia-a-dia
O medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão
vazia”*

Humberto Gessinger & Augusto Licks

RESUMO

O objetivo desta dissertação é discutir o fenômeno urbano e a recente Política Nacional de Mobilização da Indústria Naval, com seus desdobramentos econômicos, culturais e religiosos no contexto da cidade de Rio Grande/RS. Nesta perspectiva, é imprescindível analisar o novo ciclo econômico que ora se configura e que tem instaurado um novo paradigma de mobilidade religiosa e cultural. Isto ultrapassa a dimensão geográfica e econômica da cidade, aqui tomada como espaço de subjetividade e pertencimento. Optou-se por realizar um trabalho de caráter bibliográfico, subsidiado pelo aporte teórico de autores como Bauman (1999, 2001, 2004, 2005, 2007), Lypovetski (1986, 2005, 2007), Augé (2012), Brighenti (2000, 2004), Libânio (1992, 2000, 2001, 2003), dentre outros, que trazem importantes contribuições para ampliar a reflexão da temática aqui abordada. Tem-se a hipótese de que, a despeito da complexidade posta pelo fenômeno urbano, a Teologia ainda pode se constituir como espaço de diálogo e acolhimento na cidade, sobretudo ao migrante e ao estrangeiro.

Palavras-chave: Cidade. Mobilidade Humana. Teologia. Acolhida.

ABSTRACT

The aim of this research is to discuss the urban phenomenon and the recent National Political Mobilization Naval Industry, with its unfolding economic, cultural and religious context of the city of Rio Grande / RS. In this perspective, it is essential to analyze the new economic cycle that is now set up and has established a new paradigm of religious and cultural mobility. This goes beyond the geographic and economic city, taken here as a space of subjectivity and belonging. We chose to do a job bibliographical subsidized by theoretical authors like Bauman (1999, 2001, 2004, 2005, 2007), Lypovetski (1986, 2005, 2007), Augé (2012), Brighenti (2000, 2004), Libânio (1992, 2000, 2001, 2003), among others, who make important contributions to increase the reflection of the theme addressed here. It has been hypothesized that, despite the complexity posed by urban phenomenon, theology can still be a space for dialogue and accommodation in the city, especially the migrant and foreigner.

Keywords: City. Human Mobility. Theology. Welcome.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DE RIO GRANDE NO MAPA DO RS	39
FIGURA 2 - ÁREA DESTINADA À IMPLANTAÇÃO DO POLO NAVAL.....	42
FIGURA 3 - VISTA AÉREA DOS MOLHES DA BARRA	44
FIGURA 4 - ARMAZÉNS DO PORTO NO INÍCIO DO SÉCULO XX	45
FIGURA 5 - VISTA AÉREA DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE	89
FIGURA 6 - IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DA ÚLTIMA PLATAFORMA CONSTRUÍDA EM RIO GRANDE (2011-2013)	90
FIGURA 7 - QUADRO DE PREVISÕES DE DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE ..	91
FIGURA 8 - IMAGEM DA PÁGINA DO YOUTUBE ONDE O VÍDEO ESTÁ POSTADO.....	92
FIGURA 9 - COMENTÁRIOS CLASSIFICADOS PELO YOUTUBE COMO PRINCIPAIS	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AG: Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes*.

AO: Paulo VI. Carta Encíclica *Octagesima Adveniens*.

DCE: Bento XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est*.

DAp: V Conf. Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Documento de *Aparecida*.

EA: João Paulo II. Exortação Pós-sinodal *Ecclesia in America*.

EG: Francisco. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

EN: Paulo VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*.

GS: Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*.

LE: João Paulo II. Carta Encíclica *Laborem Exercens*.

LG: Conc. Ecum. Vaticano II Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*.

PP: Paulo VI. Carta Encíclica *Populorum Progressio*.

PB: III Conf. Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Documento de *Puebla*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 TEOLOGIA DA E NA CIDADE, ESSE DIÁLOGO É POSSÍVEL?	16
1.1 O fenômeno urbano e a cidade	19
1.1.1 Medo e violência na cidade.....	21
1.1.2 O espaço urbano e a emergência das novas subjetividades.....	24
1.1.3 O religioso no espaço urbano	28
1.2 Discernimento teológico sobre a cidade	33
2 O ESPAÇO URBANO E O ADVENTO DO POLO NAVAL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS	39
2.1. Contextualizando a História da Cidade de Rio Grande	40
2.1.1 Contextualizando a trajetória o desenvolvimento portuário na cidade de Rio Grande	41
2.1.2 Molhes da Barra	43
2.1.3 Superporto: criação e reorganização.....	45
2.2 Desafios do Polo Naval à Cidade de Rio Grande	47
2.2.1 Desenvolvimento contraditório	48
2.2.2 Os baianos e os estabelecidos: choques e estranhamentos culturais.....	50
2.3 Pluralismo religioso na Cidade de Rio Grande	54
3 A CIDADE COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA: PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA	60
3.1 Um olhar teológico para a Cidade	61
3.2 A perspectiva bíblica	63
3.2.1 Itinerância e hospitalidade	66
3.2.2 Jesus e a itinerância	67
3.3 A comunidade dos seguidores de Jesus: uma comunidade urbana e itinerante	71
3.4 Perspectiva teológica: a eclesiologia do Vaticano II	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	84
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

Estudar a cidade como “espaço de acolhida” requer uma perspectiva ampla e interdisciplinar, capaz de identificar os inúmeros processos sociais, culturais, econômicos e religiosos que produzem a cidade: “[...] nela, as diversas visões de mundo encontram a liberdade que necessitam para se expressar: o passado, a tradição, as regras convencionais de convivência são questionadas radicalmente; os sólidos são liquefeitos”¹.

Tal fenômeno é significativo para entender os motivos que elevam o município de Rio Grande/RS a viver um momento de euforia, fruto da implantação do Polo Naval e *Offshore*. Frente a tal situação, é necessário discutir os desdobramentos desse novo ciclo econômico, que ora se configura e que tem instaurado um novo paradigma.

Junto com o crescimento econômico, surge uma série de fatores que retratam a conflitividade, que resulta no aumento de pessoas vindas de outras regiões do país para aqui trabalhar. Tal situação agrava e expõe problemas já existentes, tais como falta de incentivos na saúde pública, hospitais superlotados, pouca oferta de imóveis, trânsito caótico, supervalorização de algumas áreas nobres e especulação imobiliária. Somam-se a esses fatores, a inoperância de alguns setores responsáveis pelo transporte, urbanização, acúmulo de resíduos.

Essa problemática se dá muitas vezes por agentes externos, ou, como afirmam os sociólogos, por ciclos exógenos, pois são processos de ingerência global sobre o local. Este fenômeno tem acontecido na Cidade de Rio Grande como resultado da inabilidade de uma política de investimentos capaz de provocar mudanças positivas no panorama da cidade. A explosão demográfica, fruto do fluxo migratório, tem evidenciado um descompasso entre o aporte financeiro realizado na área portuária e os investimentos em infraestrutura. Talvez boa parte da população rio-grandina compartilhe do pensamento de Baumam quando este fala do entendimento de progresso diante do otimismo e da promessa de uma felicidade duradoura. Se há euforia por parte de alguns segmentos, quando citam “um mar de oportunidades”, a realidade tem se mostrado outra.

¹ SANCHEZ, W. *A multiplicidade religiosa no espaço urbano*. p. 50.

Segundo Caio Floriano dos Santos, sociólogo e membro do Observatório dos Conflitos do Extremo Sul do Brasil/ FURG:

Tais questões nem sempre são referidas ou têm o destaque devido nos discursos dos apologistas do ‘futuro promissor para todos’ que decorreria desses empreendimentos. Cabe-nos perguntar se esse crescimento econômico, sob a lógica do mercado, não estaria apenas reproduzindo o cenário de injustiça social e ambiental, vivenciado historicamente nessa região e também se não seria apenas mais um ciclo econômico, como outros vivenciados em Rio Grande, que tem beneficiado secularmente apenas a uma elite constituída².

Contudo, fica a pergunta: o que fazer diante dessa realidade? Deve-se evitar duas posturas: a primeira, de satanizar tudo que diz respeito a esse processo, e a segunda, de não perceber as contradições e ambiguidades presentes. O Polo Naval é uma realidade incontestável e seria mais produtora se as lideranças locais aproveitassem esse momento para planejar um desenvolvimento a médio e longo prazo. Considerando que a globalização se impõe através de uma visão muito estreita de desenvolvimento, não seria a ocasião para globalizar também a solidariedade e acolhida ao migrante?

Ousar responder a tais desafios tornou-se difícil, especialmente em tempos de rápidas e profundas transformações. A cidade revela uma desorganização territorial, marcada pela mobilidade e perpassada por relações simbólicas. Pode-se dizer que ela é: “filha da modernidade, herdeira de suas promessas cumpridas e falidas”³, as quais geram angústia em diferentes níveis, frutos da fragmentação social. Afirma Brighenti:

[...] novas perguntas exigem novas respostas, as quais, entretanto, não podem ser inventadas, tiradas da imaginação, mas tecidas a partir da fidelidade às reais perguntas postas pelo mundo de hoje, por mais desconcertantes que sejam. Partindo-se do pressuposto de que elas emergem de novos ‘Sinais dos tempos’, as respostas nada mais serão do que ações às contradições do cotidiano. Fugir das verdadeiras perguntas equivale equivocar-se nas respostas, trair a atualidade da Boa-Nova⁴.

Recentemente, o Papa Francisco, na sua Encíclica *Evangelii Gaudium*, trouxe intuições significativas. Segundo ele, é preciso superar duas visões minimizadas da realidade: uma, é o “universalismo abstrato e globalizante”, ponderando: “é preciso prestar atenção à

² SANTOS, C. F. *Extremo Sul do Brasil: uma grande “zona de sacrificio” ou “paraíso de poluição”*. p. 185.

³ PASSOS, D. *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. p. 7.

⁴ BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa*. p. 117.

dimensão global para não cair em uma mesquinha cotidianidade”; a outra é não tornar-se “um eremita localista, que “condenado a repetir sempre as mesmas coisas, são incapazes de se deixar interpelar pelo que é diverso”⁵.

Esta pesquisa busca discutir os contextos de pluralismo, bem como o entendimento das mudanças no espaço geográfico e cultural. Trata-se de entender essa nova realidade para fazer uma análise de conjuntura. Refletindo como o pensar teológico enfrenta o problema do pluralismo cultural e religioso, em um contexto de rápidas e profundas transformações na Cidade do Rio Grande; lendo e interpretando, teologicamente, os problemas advindos desse novo ciclo econômico e os modelos econômicos subjacentes e propondo contribuições acerca da possibilidade de uma cidade enquanto espaço de acolhida. Para tanto, é útil situar o local de estudo.

Como coordenador de Pastoral da Diocese de Rio Grande, sempre me dediquei às grandes questões que afligem a nossa região. Inúmeros seminários, Assembleias e Conselhos Diocesanos foram realizados sobre essa temática. Em diversas ocasiões, fui convidado a expor o tema e senti a necessidade de desenvolver uma pesquisa específica sobre os novos desafios que o Polo Naval tem gerado. Nesse contexto de ação evangelizadora, é oportuno acolher o fenômeno da mobilidade humana como um tempo de “graça” e, para tanto, é necessário ser Igreja acolhedora:

A Igreja, como Mãe, deve se sentir como Igreja sem fronteiras, Igreja familiar, atenta ao fenômeno crescente da mobilidade humana em seus diversos setores. Considera indispensável o desenvolvimento de uma mentalidade e uma espiritualidade a serviço pastoral dos irmãos em mobilidade, estabelecendo estruturas nacionais e diocesanas apropriadas, que facilitem o encontro do estrangeiro com a igreja local e acolhida⁶.

Cabe ressaltar que houve uma mudança de enfoque na pesquisa desde a apresentação do projeto. Isto ocorreu por dois fatores: primeiro, o acirramento dos choques culturais entre a comunidade local e os migrantes, o que levou a uma tomada de posição enquanto Igreja, frente aos meios de comunicação de massa e, segundo, as contribuições trazidas pela professora Margit Eckholt, na disciplina Pastoral Urbana.

O problema apresentado diz respeito à possibilidade de convivência entre diferentes grupos em um complexo espaço urbano, que se define não somente pelo espaço geográfico,

⁵ DCE, n. 234.

⁶ DAp, n.412.

mas também simbólico. Bauman afirma que “uma das características relevantes da globalização é a progressiva segregação espacial, separação e exclusão”⁷, tornando-se um lugar de estranhos morando geograficamente em proximidade, em meio aos medos e incertezas, já que é impossível evitar a presença incômoda de estranhos nos espaços públicos. O espaço urbano oscila entre exclusão, pluralidade e individualidade, formando um mosaico social. Como então criar relações significativas a fim de superar as dicotomias urbanas?

Papa Francisco, na Exortação *Evangelii Gaudium*, aborda três posturas distintas frente aos conflitos. A primeira, de total indiferença, como se não existisse; a segunda, quando aqueles que deveriam ser mediadores de conflitos, ficam absortos por essa realidade, sendo incapazes de transpô-la, mas a terceira, que é a perspectiva desse trabalho, é: “aceitar, suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo”⁸.

Para que haja uma convivência mais harmônica, é preciso um entendimento de que as diferenças não podem ser consideradas uma realidade ameaçadora, e sim, oportunidade de intercâmbio e reciprocidade de relações. Diante dos inúmeros caminhos que se abrem, que tarefas e desafios se colocariam à Igreja?

Conscientes das mudanças em curso, já não podemos continuar sendo os mesmos. Em primeiro lugar, é preciso aprender a enriquecer com a história. Em segundo lugar, há lições muito concretas para o modo de pensar a ação pastoral⁹.

Sendo assim, a cidade assume um lugar estratégico como *locus* privilegiado para a reflexão teológica, que busca compreender a vida social no meio urbano, suas multiplicidades e singularidades.

Quanto à disposição dos capítulos, o trabalho está distribuído em três partes. No primeiro, abordar-se-á a fundamentação do contexto urbano e a cidade como expressão deste; temas como subjetividade, identidade, medo e violência serão problematizados.

No segundo capítulo, será apresentado um enfoque histórico da Cidade de Rio Grande/RS, bem como a trajetória do desenvolvimento portuário até a implantação do Polo Naval. Buscar-se-á apresentar um dos problemas mais candentes, que é o choque entre a comunidade local e os migrantes.

⁷ BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. p. 9.

⁸ EG, n. 227.

⁹ BRIGHENTI, A. *Reconstruindo a Esperança: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudanças*. p. 18.

Frente a tal situação, o capítulo três dialogará com elementos bíblico-teológicos, a fim de propor uma “cidade acolhedora”, como espaço da diversidade, do encontro com o migrante; temas como migração, hospitalidade e itinerância serão partes constitutivas dessa proposta: “Não vos esqueçais da hospitalidade, porque graças a ela alguns sem saber, acolheram anjos”¹⁰.

A escolha dos autores pesquisados deu-se justamente pela atualidade e pertinência da proposta de pensar num projeto que contemple o global e o local, dialeticamente. Para isso, foram abordados temas como: ética, diálogo inter-religioso e hospitalidade. Foi pretensão deste trabalho contribuir para um novo entendimento e postura da atuação pastoral das comunidades cristãs como gestoras da acolhida e hospitalidade.

¹⁰ Hb 13,2.

1 TEOLOGIA DA E NA CIDADE, ESSE DIÁLOGO É POSSÍVEL?

O Cristianismo, movimento originado na Palestina, essencialmente rural, transformou-se em uma rede de comunidades disseminada nas periferias do Império Romano. Embora o seu início se desse com os campesinos, nas pequenas cidades da Palestina, foi inegável que ocorreu um fenômeno novo, a expansão das comunidades, especialmente por meio de Paulo de Tarso, atingindo os grandes centros urbanos da época ¹¹. Já na Igreja primitiva, havia uma forte preocupação com a evangelização da e na cidade. Nos Atos dos Apóstolos, no capítulo 17, lê-se que Paulo foi a Atenas, o centro intelectual do mundo greco-romano. No capítulo 18, diz-se que foi para Corinto, um dos principais entrepostos comerciais do Império, e no capítulo 19, a Éfeso.

Surge a pergunta que fora importante na época da Igreja primitiva, mas que continua sendo atual: como anunciar o Evangelho no contexto urbano?

Hoje a maioria da população mundial vive nos centros urbanos produzindo um modo próprio de ser; a cidade, além de espaço habitacional denso, é um lugar onde se constrói cultura:

A cultura urbana intrinsecamente plural tem na metrópole seu espaço de produção, de veiculação e de expansão. A metrópole se torna, desse modo, uma realidade cada vez mais onipresente, criando modos de vida iguais em todos os recônditos do planeta, sustentando ao mesmo tempo processos socioculturais que constroem *ethos* coletivos e individuais ¹².

Foi justamente nesta complexidade urbana, salvaguardadas as devidas proporções, que a fé cristã “teceu sua autocompreensão como comunidade fraterna com seus ritos e regras de vida na busca de fidelidade ao projeto de Jesus Cristo” ¹³.

Foi justamente o que fizera Paulo, na sua época. Nascido em uma importante cidade comercial, logo foi desafiado ao pluralismo urbano e aos choques culturais. Tal perspectiva é muito instigante, pois buscou articular o discurso teológico no contexto urbano. Isso implicou

¹¹ Cabe citar três grandes cidades da época, além de Jerusalém, que fora a maior cidade da Palestina, e Roma, capital do Império: Antioquia, na Síria (At, 11, 19-30), Tessalônica (1Ts 1, 1-9) e Corinto (At 18). O que denota a complexidade do fenômeno na época.

¹² PASSOS, J. *Teologia e Cidade: panorama histórico e questões atuais*. p. 272.

¹³ PASSOS, J. *A fé na metrópole: Desafios e olhares múltiplos*. p. 13.

em uma nova organização social que emergia, e, assim, modificava o estilo predominantemente rural de ser comunidade nas cidades mais importantes do Império; utilizou as rotas comerciais e os entrepostos das cidades portuárias: Corinto, Antioquia, Tessalônica, Atenas e outras. Nestes locais, criou pequenos núcleos/casa ¹⁴ (*oikos*) que serviram de primeiro embrião das futuras comunidades e, ali, identificou possíveis colaboradores, o que revela uma atitude planejada e orgânica. Outra faceta elucidativa é o fato de Paulo ser um homem que entrou na dinâmica do mundo do trabalho de sua época. Ele foi um construtor de tendas e, com isso, sustentou seu apostolado ¹⁵.

Um dos principais alvos das viagens missionárias de Paulo foi a cidade portuária de Corinto. Uma das mais florescentes cidades da antiguidade grega, atual capital da Acaia, foi tomada e destruída pelos romanos em 146 a.C. e reconstruída por Júlio César em 46 a.C. Na época de Paulo, era um porto marítimo com intensa atividade comercial, grande movimento migratório e encontro de diversas culturas. Estima-se que a população fixa e móvel girava entre 200.000 a 500.000 habitantes. A cultura religiosa helenista era muito presente, mesmo depois da dominação romana e pelo menos havia dois grandes templos: um dedicado à deusa Afrodite e outro ao deus Apolo. Eram frequentes os cultos e as celebrações que envolviam a realização de refeições comunitárias, especialmente ceias, consagradas aos deuses helenísticos¹⁶.

A organização social de Corinto era instável e conflituosa. Ocorria em termos de “patronato”: uma situação na qual há uma conexão de vínculos do “patrão” com o “cliente” onde um desenvolve o outro e o mantém. São redes hierárquicas que se formavam com o intuito de estabelecer vantagens entre si, tanto na esfera comercial, clientelista, como no âmbito do divino, fundamentando valores em diversas estruturas da religiosidade pagã. Orbitando neste contexto, pelo menos três classes sociais são identificáveis: os “sábios” ou instruídos, os “poderosos” ou influentes e os “bem nascidos” ou aristocratas. Além destes, distingue-se a grande massa dos desvalidos, aos quais, inclusive, se negava a cidadania corintiana ¹⁷.

¹⁴ É interessante perceber que no Doc. 104, *Comunidades de Comunidades*; uma nova paróquia, esta perspectiva é reabilitada: “recuperar a ideia da casa não significa fixar um território ou lugar, mas garantir o referencial para o Cristão peregrino encontra-se no lar” (74)

¹⁶ Vasconcelos, PL. Corinto ou alguns dilemas de uma metrópole para o cristianismo nascente. In: SOARES, AML, PASSOS, JD (org) *A fé na metrópole: Desafios e olhares múltiplos*. São Paulo; Paulinas/EDUC, 2009.

¹⁷ Para maior entendimento, ler: HOELFELMANN, V. *Corinto: contradições e conflitos de uma comunidade urbana*. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, 1990.

A comunidade cristã que se estabeleceu em Corinto parece ter projetado os mesmos conflitos sociais e religiosos da sociedade em geral, em especial quanto ao problema de acolhimento das diferentes culturas individuais e, também, quanto à posição na sociedade. O conteúdo das cartas apostólicas, em especial a Primeira Epístola aos Coríntios, dão conta destes conflitos que Paulo tentou minimizar durante o período em que esteve a frente da comunidade. Talvez o exemplo mais contundente seja a busca de estilos de convivência, o mais adequado possível entre os membros da Igreja nascente em Corinto, quanto às diferenças socioculturais de seus membros, considerando que o cristianismo inaugurou um tipo de assembleia até então inédita no mundo, onde ricos e pobres participavam igualitariamente, pois tinha a cidadania universal como pressuposto, tornando-se um espaço alternativo de igualdade e fraternidade¹⁸.

É possível que algumas das especificidades encontradas no processo de evangelização de Corinto possam ser comparáveis com a Cidade de Rio Grande, resguardadas as devidas proporções. Assim como em Corinto, há em Rio Grande uma situação de conflito social, cultural e religioso pela grande diversidade presente. Nessas sociedades, abertas e plurais, a pertença religiosa tende a ser mais híbrida e volátil, em outras palavras, os vínculos não são suficientemente duradouros. Se por um lado há um aspecto positivo, pela tolerância (sincretismo), por outro há um nítido afastamento dos ritos tradicionais.

Tal perspectiva é iluminadora, especialmente quando as comunidades cristãs são tencionadas pela polifonia da cultura urbana. Aquela experiência nascente e genuína, como espaço de acolhida, diversidade social, étnica e religiosa que normalmente compõe a cidade, precisa ser resgatada.

¹⁸ Para maior entendimento, ler: COMBLIN, J. Atos dos apóstolos. Petrópolis: Vozes/Metodista/Sinodal, 1989.

1.1 O fenômeno urbano e a cidade¹⁹

Definir a cidade, baseando-se em bibliografias e dicionários, seria confortável e simples. No entanto, é preciso retomá-la em seu contexto mais amplo, já que “a história e a vida das cidades estão inseparavelmente ligadas à história e à vida da cultura humana”²⁰. De outra forma, pode-se dizer que a vida da cidade reflete a cultura de sua época.

Na Grécia Antiga, por exemplo, as cidades eram entidades políticas independentes. Nela, às mulheres, aos escravos e aos estrangeiros era vetado o direito à cidadania, mas foi o conceito de cidadania urbana e governo democrático que caracterizaram essas cidades-estados, sendo importantes para a construção da democracia ocidental.

Durante o período Renascentista, as grandes cidades como Florença passaram a representar os frutos da cultura humanista, com atenção para a arte e a cultura, bem como para o poder econômico. O Iluminismo e as revoluções democráticas do século XVIII derrubaram o direito divino do rei. Por fim, o capitalismo e a nova ordem industrial, simbolizada pelas usinas e fábricas, substituíram o modelo societário medieval, marcando o início da sociedade moderna. Com a Revolução Industrial, o capitalismo cria um novo paradigma urbano. Estas mudanças produziram um novo entendimento sobre o uso da terra, que se tornou cada vez mais subserviente às necessidades da cidade. O impacto ambiental dessa mudança tem sido fonte de conflito ainda hoje.

Paulo VI, na Carta Apostólica *Octagesima Adveniens*, coloca o seguinte questionamento: “o aparecimento de uma civilização urbana, que acompanha o incremento da civilização industrial, não será, na realidade, um verdadeiro desafio à sabedoria do homem, à sua capacidade de organização, à sua imaginação prospectiva”²¹?

Lendo os processos históricos urbanos, verifica-se que as concentrações humanas não se deram de forma pacífica; ao contrário, o crescimento muitas vezes aconteceu por

¹⁹ Segundo André Lemos, em seu artigo *O que é a cidade digital?* “As cidades são sistemas complexos. Desde as primeiras necrópoles pré-históricas até as contemporâneas megalópoles, as cidades nascem, crescem e desenvolvem-se a partir de fatores sociais, culturais, políticos, tecnológicos. No século XVII, a ciência e a tecnologia tornam-se importantes para o desenvolvimento do espaço urbano. A era industrial que se inicia no século XVIII vai moldar a modernidade e criar uma urbanização planetária. Hoje, em pleno século XXI, as novas tecnologias de comunicação e informação imprimem novas marcas ao urbano. As cidades digitais são as cidades da globalização, onde as redes telemáticas fazem parte da vida cotidiana e constituem-se como a infraestrutura básica e hegemônica da época”. LEMOS, A. www.guiadacidadesdigitais.com.br/site/pagina/p-que-cidade-digital, acessado em: 13/10/2013.

²⁰ IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário Teológico para América Latina*. p. 44.

²¹ AO, n. 10.

fatores como: êxodo, catástrofes ou busca por uma vida melhor, desencadeando uma série de transtornos. Por isso, afirma-se que a cidade é uma realidade histórica multifacetada que integra processos materiais e simbólicos, onde se desenvolvem as relações políticas, econômicas, sociais e religiosas, gerando conflitos e rupturas com os modelos tradicionais de sociedade: “a cultura urbana, sendo ela híbrida, dinâmica e mutável, amalgama múltiplas formas e estilos e afeta toda a coletividade”²². A esse respeito João Décio Passos afirma que: “O espaço metropolitano expressa em sua paisagem física, em suas dinâmicas socioculturais aquilo que a racionalidade moderna foi criando no decorrer da história, em termos econômicos, sociais, políticos e culturais”²³.

Em pequenas comunidades, a proximidade física dos lugares onde se realizam as diversas atividades da vida fornece uma força unificadora. Ao passo que nos grandes centros urbanos as distâncias geográficas se traduzem também na distância dos esquemas mentais. Há uma nítida fragmentação entre os lugares de trabalho, compras, educação e lazer. É importante dar-se conta desta dinâmica da continuidade e ruptura do universo simbólico, que contempla a vida urbana, que se dá mediante os seguintes aspectos: a aceleração e a intensidade do tempo, antes apenas cronológico e agora simultâneo²⁴. Pela mudança em escala mundial, do espaço como parte de um mundo cada vez mais interconectado, ou seja, antigamente localizado e agora desterritorializado e, sobretudo, pelo enfraquecimento das referências coletivas em um processo de singularização das relações interpessoais. Sobre isso, o Documento de *Aparecida* explica:

Vivemos em uma época de mudança, que é o nível mais profundo da cultura, [...] As grandes cidades são laboratórios da cultura contemporânea. [...] No mundo urbano ocorrem complexas políticas socioeconômicas, culturais e religiosas que impactam os diferentes aspectos da vida²⁵.

Lipovetsky compreende que, para enfrentar a complexidade do contexto urbano, é necessário superar as dicotomias entre liberalismo e marxismo. Contra os liberais, que acham

²² DAp, n. 58.

²³ PASSOS, J. *A fé na metrópole*. p. 7.

²⁴ Bauman, parafraseando Stephen Bertman, utiliza os seguintes conceitos: “cultura agorista” e “cultura apressada”, para denotar a nova relação com que a sociedade líquido-moderna elaborou um novo arranjo social. Se em outros contextos societários o tempo era cíclico ou linear, agora ele é “pontilhista”, isto é, marcado pela profusão de rupturas e descontinuidades, onde a vida, seja individual ou social, não passa de uma sucessão de presentes, uma coleção de momentos experimentados em intensidades variadas. BAUMAN, Z. *Vida para o Consumo*. p.45-46.

²⁵ DAp, n. 44, 509, 511.

que só o liberalismo pode resolver as dificuldades que ele mesmo cria, o autor lembra que o “papel do mercado tem limites e que a mão invisível providencialista, que supostamente o regula de dentro, precisa de luvas bem visíveis para precaver-se de seus próprios excessos”²⁶. Por outro lado, afirma Lipovetsky que as relações sociais que se produzem no espaço urbano não representam apenas os processos de produção capitalista, como afirmava Karl Marx²⁷. Na sociedade pós-industrial e globalizada, o conhecimento e a informação ganham um novo *status* no processo produtivo e nas tomadas de decisões, exigindo um aumento das formas simbólicas do trabalho, em detrimento da forma material. Sob este aspecto, a hermenêutica marxista é restritiva e insuficiente, pois analisa o fenômeno social somente numa perspectiva econômica, sendo que, no espaço urbano, os símbolos e códigos que se estabelecem são tão importantes quanto o meio de produção²⁸.

Assim surgem os inúmeros conflitos frutos das experiências e a construção da identidade, de sorte que se faz necessário tentar compreender como os indivíduos e grupos de indivíduos constroem a sua singularidade dentro de uma “cultura de massa”.

1.1.1 Medo e violência na cidade

Zygmunt Bauman tem demonstrado, a partir de seus textos, que a insegurança e a violência tornaram-se uma realidade cotidiana em tempos de globalização, frutos das disputas internas entre o global e as identidades locais:

As cidades contemporâneas são, por esse motivo, os estágios ou campo de batalha em que os poderes globais e os significados e identidades teimosamente locais se encontram, se chocam, lutam e buscam um acordo satisfatório, ou apenas tolerável, um modo de convivência que, se espera seja uma paz duradoura, mas que a regra mostra ser apenas um armistício; breves intervalos para consertar defesas rompidas e redistribuir unidades de combate. É esse confronto, e não qualquer fator isolado, que põe em movimento e orienta a dinâmica da cidade “líquido-moderna”²⁹.

²⁶ LIPOVETSKY, G. *Os tempos Hipermodernos*. p.46.

²⁷ Opondo-se ao Idealismo, que antepunha à consciência as condições concretas de vida, Marx afirmou justamente ao contrário, que é o contexto social que determina a consciência, isto é, as condições materiais de produção é que determinam o seu processo social e político.

²⁸ Para entender a problemática abordada, ler: BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. p. 39.

²⁹ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 87.

Nas palavras do autor: “[...] algumas mudanças de curso seminal e intimamente interconectado, as quais criam um ambiente novo e, de fato, sem precedentes para as atividades da vida individual, levantam uma série de desafios inéditos”³⁰. Nota-se que a violência e o medo estão vinculados à expansão, como por exemplo, a exagerada procura dos serviços de segurança privada (tele alarme, gradeamento, blindagem de carros e transportes individuais): “Somos convocados [...] a buscar soluções biográficas para contradições sistêmicas; procuramos salvação individual de problemas compartilhados”³¹.

Ao aumento do poder aquisitivo, soma-se o medo; apresenta-se, então, o uso exagerado de cartões, impedindo a veiculação de moeda corrente, o que não impede a criminalidade. O medo se contrapõe à promessa de uma vida melhor.

Contudo, fazer com que as diferenças não se tornem barreiras intransponíveis não é tão simples. É possível que a “chave para o entendimento dessa questão passe pelo desejo de buscar um lugar suficientemente confortável, acolhedor e seguro, mesmo num mundo selvagem, imprevisível e ameaçador”³². Tal fato está relacionado à possibilidade de convivência entre diferentes grupos em um complexo espaço urbano, que se define não somente pelo espaço geográfico, mas simbólico.

Para Bauman, uma das características relevantes da globalização é a “progressiva segregação espacial e a crescente polarização entre dois mundos ou duas categorias de habitantes, denominadas camadas superiores e camadas inferiores”³³. Esse processo dialético e ambíguo entre o excesso e a exclusão, pluralidade e individualidade é que está no âmago do debate acerca do espaço urbano: “os desejos estimulados convidam a todos para o banquete do bem-estar numa cínica democracia dos desejos ideais, a negação das necessidades reais”³⁴. Para superar essa dicotomia, é necessário entender o espaço como resultado das inter-relações simbólicas, como lugar da multiplicidade e do respeito à pluralidade de trajetórias.

Responder a tais indagações tornou-se desafiador, especialmente em tempos de rápidas e profundas transformações, frutos das desestruturas sociais geradas pela

³⁰ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 7.

³¹ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 129.

³² BAUMAN, Z. *Confiança e Medo na cidade*. p. 76.

³³ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 80-81.

³⁴ PASSOS, J. *A religião e as contradições da metrópole: lógica e projeto*. p. 29.

complexidade das transformações. É o que Bauman denomina de “sociedade líquida”³⁵, caracterizada pela provisoriedade, incerteza e instantaneidade.

Os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade [...]. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminui a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou tornam irrelevante), os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la³⁶.

Para Bauman, os tempos modernos são marcados pela crise das instituições e referências, denominadas “derretimento dos sólidos”, que com a “liquefação” do contexto atual tornam as funções antes atribuídas à tradição e à autoridade questionáveis, dando lugar a um ceticismo mórbido: “Nesse reembaralhamento, até as formas básicas de relacionamento social estão passando por transformações. Das relações amorosas à religião, tudo se torna instável, líquido”³⁷.

A inabilidade para tratar essas questões trouxe problemas sociais relevantes, isto é, em uma sociedade líquida, conceitos como democracia e “estado-nação”, que foram tão importantes para a constituição da sociedade moderna, tendem a tornar-se obsoleto. Para o autor, a substituição da solidariedade pela competição ressignificou os mecanismos pelos quais a sociedade dirimia os problemas sociais: “a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem o medo mais apavorante e menos tolerável”³⁸.

Para Bauman, a dissolução das tradições e dos referências está relacionada à crise de autoridade vivenciada na sociedade contemporânea, devido à queda de vários sistemas historicamente construídos como elementos de unidade que serviam como referenciais coletivamente determinados e aceitos. É o que afirma Hall: “A Globalização tem um efeito pulverizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando-as identidades mais políticas, mais plurais e diversas”³⁹.

³⁵ Por este conceito, entende-se o período marcado pela crise das grandes ideologias, ou como na fala do autor: fortes, pesadas, sólidas. Trata-se de uma mudança emblemática de paradigma do ponto de vista cultural, caracterizado pela precariedade, incerteza, rapidez de movimento. A transição da sociedade sólida para líquida trouxe consigo a crise, as desorganizações sociais, como fruto de um processo que acentuou demasiadamente as escolhas individuais em detrimento do coletivo, estabeleceu divórcio entre poder e política. BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 8

³⁶ BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. p. 8.

³⁷ BAUMAN, Z. *Identidade*. p. 68.

³⁸ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 32.

³⁹ HALL, S. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. p.87.

A insegurança e o medo, tanto no que toca ao espaço urbano quanto à vida cotidiana, têm se constituído em um lado obscuro da “sociedade líquida”: o colapso e a volatilização dos mercados financeiros, a precarização da qualidade dos relacionamentos interpessoais e, a desregulamentação das leis trabalhistas são algumas das problemáticas enfrentadas.

A desilusão diante dos referenciais éticos, religiosos e políticos produz uma nova sensibilidade nos indivíduos, que procuram realizar-se individualmente pela busca do prazer, não mais com os outros, mas com objetos materiais: “Numa época em que as tradições, a religião, a política são menos produtoras de identidade central, o consumo encarrega-se cada vez mais de uma nova função identitária”⁴⁰.

1.1.2 O espaço urbano e a emergência das novas subjetividades

No espaço urbano, se entrecruzam as diversas perspectivas territoriais e simbólicas, que revelam, ao mesmo tempo, diferentes estilos de vida⁴¹. Elas se configuram como uma realidade cada vez mais homogeneizadora, em processos socioculturais, que constroem *ethos* coletivos e individuais. Dito de outra maneira, poder-se-ia afirmar que com seus eficientes meios de transportes, a cidade levaria as pessoas de onde estão para onde possam se realizar social e economicamente. É o que denuncia o Documento de *Puebla* ao afirmar: “A cultura urbano-industrial, inspirada na mentalidade promovida pelas grandes potências e marcada pelas ideologias, pretende ser universal [...] os diversos grupos são obrigados a integrar-se nela”⁴². O individualismo⁴³ é o outro lado da moeda dos processos de globalização. A pluralidade perpassa esses processos de forma a resguardar como legítimas as autonomias individuais, as diferentes visões e práticas religiosas, as tradições e as inovações. Sobre isso, o sociólogo francês Marc Augé, na sua obra *Não Lugares*, afirma que a cidade é o lugar por

⁴⁰ LIPOVETSKY, G. *A Felicidade paradoxal*. p. 44-45.

⁴¹ Manuel Castells, na obra *The Informational City: Informations Technology, Economic Restructuring, and the urban-Regional process*, entende por identidade o processo de construção com base em um atributo cultural, ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados por meio de um processo de individuação que se dá mediante uma identificação simbólica.

⁴² DP, n. 421.

⁴³ O Documento de Aparecida diz: “Essa cultura se caracteriza pela autorreferência do indivíduo que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável. Prefere-se viver o dia a dia, sem programas a longo prazo nem apegos pessoais, familiares e comunitário”. (DAp, n. 36)

excelência onde se desenvolvem, simultaneamente, as disputas entre os espaços simbolizados pelos indivíduos e a sociedade ⁴⁴.

O espaço urbano se caracteriza pelo anonimato que possui um duplo aspecto: a solidão de um lado, mas por outro, uma liberdade de vínculos que garante uma privacidade pessoal maior. Do ponto de vista de Bauman: “A vida na cidade é uma experiência notoriamente ambivalente. Ela atrai e repele” ⁴⁵. A crescente fragmentação social costuma ser precedida pela fragmentação territorial, transformando os espaços públicos em lugares de disputa. Os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos ⁴⁶, onde se dão as sucessivas interversões, sejam elas de caráter político, econômico, cultural ou religioso, pois é fruto de processos históricos marcados por sucessivas crises e transformações, que redefinem o contexto urbano e atualizam o próprio entendimento de si.

Nesse espaço, dá-se o reconhecimento de diferentes atores sociais: poder público, moradores, empresários, trabalhadores e comerciantes, donde se estabelecem as disputas simbólicas pelos espaços. Segundo Hall, as identidades, no mundo global, promovem a negociação de fronteiras identitárias e a multiplicidade de inserções em contextos sociais diferentes, havendo fragmentação e articulações múltiplas.

Marc Augé propõe dois conceitos opostos: “o lugar antropológico” e o “não lugar”. O primeiro caracteriza-se por três aspectos fundamentais: lugares identitários, lugares históricos e lugares relacionais. Por outro lado, o conceito de “não lugar” seria um espaço físico impessoal, cuja preocupação é tornar eficiente a satisfação das necessidades pessoais. O “lugar” e o “não lugar” são polaridades voláteis, segundo Augé. “O ‘lugar’ nunca é completamente apagado e o “não lugar” nunca se realiza totalmente” ⁴⁷.

As transformações sociais, especialmente impulsionadas pelas novas tecnologias, têm suscitado divergência entre outros autores. Alguns denominam como sociedade pós-industrial, hipermodernidade ou sociedade pós-moderna. Esse conceito é problemático, “ele expressa mais a indecisão do que determinação de uma nova época mundial” ⁴⁸.

⁴⁴ AUGÉ, M. *Não Lugares*. p. 38-39.

⁴⁵ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 94.

⁴⁶ DAp, n. 58

⁴⁷ AUGÉ, M. *Não Lugares*. p. 74.

⁴⁸ KÜNG, K. *Projeto de Ética Mundial*. p. 17.

Embora não haja unanimidade acerca do conceito de Pós-Modernidade ⁴⁹, há pontos convergentes, como as rápidas configurações espaço-temporais que, nos últimos tempos, têm inovado a dinâmica social, determinando uma ordem social diferente, caracterizada por simulações “que apagam as diferenças entre o real e o virtual” ⁵⁰.

A globalização, na abrangência com que tange às grandes questões, especialmente na economia, constitui-se hegemônica ⁵¹. Consta-se que os avanços tecnológicos nem sempre são acompanhados pelos processos de humanização. Tem-se uma economia cada vez mais globalizada, mas sem referências à vida em todas as suas etapas e expressão. Frente a isso, tem-se o pensamento do Papa João Paulo II, na Encíclica *Laborem Exercens*, demonstrando a profunda conexão existente entre dignidade humana, justiça social e realidade do trabalho.

A globalização traz consigo diversos desafios, tanto em nível pessoal quanto comunitário ⁵². Bauman distingue dois modelos de comunidade: a estética e a ética.

A primeira caracteriza-se por vínculos transitórios e fluídos. Afirma:

Quaisquer que sejam os laços estabelecidos na explosiva e breve ida da comunidade estética, eles não vinculam verdadeiramente: eles são literalmente “vínculos sem consequência”. Tendem a evaporar-se quando os laços humanos realmente importam – no momento em que são necessários para compensar a falta de recursos ou a impotência do indivíduo. Como as atrações disponíveis nos parques temáticos, os laços das comunidades estéticas devem ser ‘experimentados’, e experimentados no ato- não levados para casa e consumidos na rotina diária ⁵³.

⁴⁹ Há pelo menos duas formas distintas de entender a relação com a modernidade: ruptura e continuidade. Na primeira, destacam-se Lyotard e Baudrillard. Segundo eles, a Pós-modernidade seria a emergência de uma nova cosmovisão, com princípios e critérios distintos da modernidade. Para aqueles que defendem a continuidade, entre eles Giddens e Beck, a Pós-modernidade seria apenas uma radicalização da modernidade, também denominada como “modernidade reflexiva”, “ultramodernidade” ou “modernidade radicalizada” BARREIRA, P. *Fragmentação do Sagrado*. p. 442.

⁵⁰ BARREIRA, P. *Fragmentação do Sagrado*. p. 442.

⁵¹ Embora esse processo de globalização econômica ainda se mantenha hegemônica, ela não é única. Existem inúmeras iniciativas que estão na contramão desse horizontal cultural. Vale lembrar aqui, o Fórum Social Mundial, e o Fórum Mundial de Teologia da Libertação, que tiveram início na cidade de Porto Alegre/RS, contrapondo ao Fórum Econômico de Davos.

⁵² Segundo Bauman, na *Sociedade Líquida* a “comunidade é um fenômeno de duas faces, completamente ambíguo, amado ou odiado, atraente ou repulsivo. Uma das mais apavorantes, perturbadoras e enervantes das muitas escolhas ambivalentes com que nós, habitantes do líquido moderno, diariamente nos defrontamos” BAUMAN, Z. *Identidade*. p. 68.

⁵³ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 67-69.

A comunidade ética, ao contrário, “é marcada pelo compartilhamento fraterno, reafirmando o direito de todos a um seguro comunitário contra os erros e desventuras que são riscos inseparáveis da vida individual”⁵⁴.

Segundo Hall, a temática da identidade “é demasiadamente complexa, pouco desenvolvida e muito pouco compreendida na ciência social contemporânea”⁵⁵. Por isso, diferentemente de outrora, há uma mudança paradigmática no que se refere ao entendimento das identidades, antes “sólidas” e “estáticas”, e agora fluidas. Trata-se de entender os sujeitos coletivos a partir do individual: “[...] o indivíduo quer um mundo para ser um mundo. Ele pretende interpretar por si e para si as informações que lhe são entregues”⁵⁶.

É o que Lipovestky chamou de enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo como ruptura, como foi instituído a partir dos séculos XVII e XVIII⁵⁷. A desregulação dos controles sociais tem aberto espaço para a busca da identidade e do bem-estar: “há indivíduos que têm a opção de assumir responsabilidades ou não, de se autocontrolar ou deixar-se levar”⁵⁸. Segundo o autor, neste modelo societário, tudo vira mercadoria: o consumismo desenfreado ocupa um lugar cada vez mais preponderante na sociedade que, tanto mais isolada e frustrada, mais busca refúgio numa suposta felicidade paradoxal proporcionada pelo consumo.

Para Lipovestky, a hipermodernidade conjugou duas realidades interdependentes: o mercado liberal e a democracia burguesa, onde o consumo tornou-se o vetor da economia, transformando desejos em necessidades, desagregando culturas e promovendo a homogeneização das mesmas.

Contudo, vale ressaltar que o individualismo imputado pelas sociedades complexas e plurais não eliminou a possibilidade de vínculos comunitários, mas certamente constituiu um novo horizonte, especialmente no que concerne ao papel do fenômeno religioso e das identidades no contexto urbano.

⁵⁴ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 68.

⁵⁵ HALL, S. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. p. 8.

⁵⁶ AUGÉ, M. *Não Lugares*. p. 38.

⁵⁷ LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio*. p. 5.

⁵⁸ LIPOVETSKY, G & CHARLES, S. *Tempos Hipermodernos*. p. 21.

1.1.3 O religioso no espaço urbano

As cidades pequenas ou de porte médio caracterizam-se por uma melhor ocupação dos espaços públicos. O ambiente pré-urbano tende a ser monolítico e centrípeto. Nesse contexto, a praça, onde se encontra a sede do poder civil e religioso, ocupa um lugar central. Dessa forma, a configuração do espaço é determinada pelas relações que se estabelecem entre seus membros, símbolos e códigos. Cabe destacar que esta geografia que não é meramente física, mas também simbólica, revela uma identidade marcada pela tradição e pela religião, que ditam as regras e o rito para todos os setores da vida. Assim, o sagrado representa o elo simbólico que abarca os ritmos para todos os setores da vida.

Trata-se de dois paradigmas distintos. Na cultura rural, as tradições religiosas ditam as regras para diferentes esferas da vida. A cidade, ao contrário, construiu-se com base nas experiências dos indivíduos, sendo a primeira, uniforme e a segunda, plural. A cultura urbana fez ruir o que, socialmente, estava estabelecido: o elo entre cultura e religião⁵⁹. É o que o Documento de Aparecida ratifica ao afirmar que as “tradições culturais já não se transmitem de uma geração à outra com a mesma fluidez que no passado”⁶⁰. Ou então poder-se-á dizer: “O que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças”⁶¹.

Para Lipovetsky, o contexto urbano moderno é centrípeto e se constrói com base nas experiências de indivíduos fragmentados, deslocando a importância geofísica para os interesses individuais e para a pluralidade de experiência: “A era hipermoderna não põe fim à necessidade de apelar para tradições de sentido sagrado; ela simplesmente as rearranja mediante individualização, dispersão, emocionalização das crenças e práticas”⁶².

Sobre isso, afirma o documento de *Puebla*: “Na passagem da cultura agrária para urbano-industrial, a cidade se transformou em propulsora da nova civilização universal. Este fato requer um novo discernimento por parte da Igreja”⁶³. A nova configuração dos espaços

⁵⁹ Sobre a relação entre cultura e fé, na Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, há um texto muito elucidativo que afirma: “O Evangelho, e conseqüentemente a evangelização, não se identificam por certo como cultural e são independentes a todas as culturas”.

⁶⁰ DAp, n. 39.

⁶¹ HERVIEU-LÉGER, D. *O Peregrino e o convertido*. p. 10.

⁶² LIPOVESTKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. p. 96-94.

⁶³ DP, n. 429.

tradicionais tem gerado um contexto de vertiginosa avalanche de informações e mudanças, especialmente a partir do advento da internet.

A cidade virtual possibilitou, ao mesmo tempo, maior contato e afastamento; isso não significou necessariamente encontro e integração, apresentando múltiplas e contraditórias facetas a serem estudadas. A relação entre mobilidade humana e cultura midiática começa a ser vista na sua ambiência, é o que afirma Brenda Carranza: “Pluralidade e flexibilidade religiosa constituem o *leitmotiv* em que é socializada a geração dos *cyborgs*, acostumados a navegar, com a mente e o coração, no caos informacional, onde a verdade passa a ser uma construção colaborativa”⁶⁴.

Numa sociedade marcada pela fluidez, as comunidades cristãs não ficaram alheias. A religião tem a dura tarefa de conjugar o passado, incorporando as novidades e as mudanças sociais próprias de cada época. Como afirma Pablo Barrera: “toda a instituição de tradição vive uma contradição interna, pois numa sociedade que exige mudanças, a religião se converte no vetor privilegiado da continuidade social, pois ela é ao mesmo tempo relato e comemoração de sua origem”⁶⁵.

Obviamente, a Igreja, como instituição, não pode estar em conformidade contínua com mudanças e modismos. Se não for capaz de fazer uma interlocução significativa, correrá o risco de tornar-se uma instituição obsoleta⁶⁶. Isso questiona o fixismo de algumas práticas eclesiais e, ao mesmo tempo, desafia a redimensionar a missão para continuar a colocar os pés nas pegadas daquele que é o “Caminho, a Verdade e a Vida”.

Outro desafio diz respeito à dimensão comunitária da fé. A experiência cristã é essencialmente eclesial, ou seja, baseia-se no comunitário. A lógica urbana é policêntrica e congrega os diferentes interesses em torno dos quais se reúnem as pessoas, mas não cria comunidade ou, se a cria, não faz na formatação tradicional, de modo que os interesses particulares são colados em primeiro plano, em detrimento do bem comum. Essas novas configurações sociais apontam para a necessidade de uma mudança de compreensão conceitual: novas formas de comunidade surgem, o que tornam mais complexas as relações com as antigas formas. Sobre isto, Décio Passos tem uma contribuição:

⁶⁴ CARRANZA, B. *Juventude em movimento*. p. 224.

⁶⁵ BARRERA, P. *Fragmentação do Sagrado e crise das Tradições na Pós Modernidade*. p. 450.

⁶⁶ “A evangelização perderia algo de sua força e de sua eficácia, se ela porventura não tomasse em consideração o povo concreto a que se dirige (...) não responderia também aos problemas que esse povo apresenta, nem atingiria sua vida real”. (EN. n. 63).

A transitividade inerente à fé pode ser vista a partir em um movimento de dupla mão. O primeiro movimento consiste precisamente em superar os hedonismos egocêntricos na vida comunitária. O segundo [...] recua do coletivismo para a vida comunitária (espaço do *sensus fidei*) e do comunitário ao subjetivo (adesão pessoal da fé)⁶⁷.

Um tema crucial aos Documentos de *Puebla*⁶⁸ e *Aparecida* é a opção preferencial pelos pobres e as novas nomenclaturas que a pobreza assume hoje:

[...] em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidade endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados (as), os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros⁶⁹.

Refere o Documento de *Aparecida*: “A opção pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”⁷⁰, e ainda de forma contundente diz: “A igreja necessita de forte comoção que a impeça de se instalar na comodidade, no estancamento e na indiferença, à margem do sofrimento dos pobres”⁷¹, pois tal situação contradiz o projeto de Jesus, que veio para que todos tenham vida⁷². No cristianismo, não há dissociação entre o amor a Deus e ao próximo e, por isso, todos devem estar comprometidos em construir estruturas mais justas e solidárias a serviço da vida plena, que deverá se tornar expressão do Reino de Deus.

Na esteira do Concílio Vaticano II, Paulo VI, em sua Encíclica *Populorum Progressio*⁷³, afirma: “Mais do que qualquer outro, aquele que está animado da verdadeira

⁶⁷ PASSOS, D. *Teologia e Cidade: panorama histórico questões atuais*. p. 14

⁶⁸ No Documento de *Puebla*, nos números 3 a 49, fala-se dos “rostos empobrecidos” como “feições sofredoras de Cristo” que interpelam e chamam a Igreja, chamando-a à conversão.

⁶⁹ DAp, n. 402.

⁷⁰ DAp, n. 292.

⁷¹ DAp, n. 362.

⁷² Jo 10, 10.

⁷³ Nesta encíclica, Paulo VI destaca a importância e a urgência de um desenvolvimento solidário e humano, propondo uma nova ordem global solidária em benefício de toda a humanidade que tem como pressuposto a ética e a justiça.

caridade é engenhoso em descobrir as causas da miséria, e encontra os meios de combatê-la e vencê-la resolutamente”⁷⁴.

As situações de injustiça e de pobreza demonstram o quanto a fé ainda é vivida de forma muito dicotomizada, não sendo capaz de penetrar nos critérios e nas decisões dos setores responsáveis⁷⁵. Essas situações estão sempre ligadas a fatores desumanizantes, que colocam desafios à consciência ética cristã, por isso a missão da Igreja é contribuir com a “dignificação de todos os seres humanos, juntamente com as demais pessoas e instituições que trabalham pela mesma causa”⁷⁶. Frente a isso, faz-se necessário um projeto que: “Contemple a caminhada de um povo que vive a própria fé e mantém a esperança no contexto de vida cotidiana, feita de pobreza e de marginalização, mas também de um itinerário que promova uma maior consciência dos próprios direitos”⁷⁷.

Tal missão, segundo João Paulo II, na Encíclica *Laborem Exercens*: “é o critério de verificação de fidelidade a Cristo, para poder ser verdadeiramente Igreja dos pobres”⁷⁸. É o compromisso teológico e a exigência ética que nascem do amor e da gratuidade de Deus.

Gutiérrez diz: “na opção preferencial pelos pobres há um elemento espiritual de experiência do amor gratuito de Deus. A rejeição da injustiça e da opressão que ela implica está ancorada na fé do Deus da vida”⁷⁹. Em *Puebla* há o mesmo critério cristão: “é preciso, pois, “resgatar a vida e a dignidade dos humilhados”⁸⁰. Com isso, subentende-se que não se trata apenas de ser uma Igreja para os humildes, mas uma Igreja humilde. Pelo Documento de *Aparecida*, infere-se que é preciso descobrir o potencial do fraco e do pequeno no contexto da cultura atual: “[...] Essa ênfase adquire renovado valor, sobretudo quando a pessoa se reconhece no Verbo encarnado, que nasce em um estábulo e assume uma condição humilde”⁸¹. No rosto das vítimas, a Igreja encontra o esplendor da glória de Deus, porém débil e humilhado. É o que afirma Paulo, na Carta aos Coríntios: “[...] pois quando sou fraco,

⁷⁴ PO, n. 75.

⁷⁵ DP, n. 437.

⁷⁶ DAp, n. 398.

⁷⁷ GUTIÉRREZ, G. *A situação e tarefas da Teologia da Libertação*. p. 99.

⁷⁸ LE, n. 8.

⁷⁹ GUTIÉRREZ, G. *A situação e tarefas da Teologia da Libertação*. p. 99.

⁸⁰ DP, n. 114.

⁸¹ DAp, n. 52.

então é que sou forte”⁸². O crucificado-ressuscitado é a chave para o entendimento e solidariedade com as vítimas. Numa sociedade que apregoa o bem-estar social, a Teologia, como tal, deverá ser capaz de apontar para os “invisíveis e as massas sobranes” a exemplo de Jesus.

Libânio⁸³, discorrendo sobre o papel da Teologia na cidade, afirma que a fé no espaço urbano se dá mais pelo testemunho público, social e político do que pelo conteúdo religioso; a possibilidade de diálogo passa por uma prática eclesial comprometida com a promoção e a defesa da vida. Segundo ele, a Igreja precisa fazer uma leitura correta das relações políticas, econômicas e das estruturas desumanizadoras que são geradas pelo sistema neoliberal. Para isso, é preciso abandonar o eclesiocentrismo que perdurou muito tempo na história da Igreja.

Na cidade, a experiência religiosa dá-se de forma difusa e pode ser chamada de “bricolagem religiosa⁸⁴” ou religião *à la carte*⁸⁵, isto é, quando o sujeito participa de diferentes configurações religiosas. Por outro lado, apresenta um aspecto mais tolerante: “A fé foi substituída pela paixão; a intransigência do discurso sistemático, pela frivolidade do sentido; o determinismo, pela descontração”⁸⁶.

Assim como na lógica do mercado, as pessoas procedem na esfera religiosa e, como diria Brighenti, fazem emergir “igrejas invisíveis”, “comunidades emocionais”, nas quais cada vez mais se tem “dificuldade em crer com outros e naquilo que os outros creem”⁸⁷. É a hibridização entre o desejo e a oferta, em que as religiões, sob pressão do *marketing*, acabam cedendo a essa tentação. Este é um dos maiores desafios para a fé na grande cidade: não se alinhar com a mentalidade mercadológica. É preciso superar essa visão muito estreita de consumo-satisfação, também presentes nas práticas religiosas.

Brighenti fala de uma privatização da religião, pois as pessoas fazem dela uma escolha particular e não mais uma opção dentro de uma coletividade (*believing without*

⁸² 2Cor 12, 9-10.

⁸³ LIBÂNIO, J.B. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a Fé e sob o impacto da Fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

⁸⁴ A expressão francesa bricolagem significa biscateou pequeno trabalho. Para entender melhor seu significado religioso, ler HERVIEU-LEGER, D. *O Peregrino e o Convertido*. p. 22.

⁸⁵ LIPOVESTKY, G. *Tempos Hipermodernos*. p.93.

⁸⁶ LIPOVESTKY, G & CHARLES, S. *Os Tempos Hipermodernos*. p. 29.

⁸⁷ BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa*. p. 25.

belonging). Ainda nessa esteira, há uma contribuição importante de Pablo Barrera, que fala sobre a irrupção do sagrado de forma eclética e a-institucional:

A mobilidade e a versatilidade tornam impossíveis os compromissos permanentes. Nesse sentido, é necessário entender que a quantidade de grupos religiosos é apenas aparente aumento de religiosidade, pois corresponde ao compromisso pouco profundo e de curta duração. Na verdade, não há retorno religioso, e sim transformação da religião ⁸⁸.

Afirma Lipovetsky: “Numa época em que as tradições, a religião, a política são menos produtoras de identidade central, o consumo encarrega-se cada vez melhor de uma nova função identitária” ⁸⁹. Frente à tirania do desejo, duas atitudes são importantes: a primeira é perceber quais são as reais necessidades e a segunda é relativizá-las como caminho de seguimento a Jesus Cristo.

A exigência ética do Evangelho é negada pelo consumo-satisfação e pelo individualismo dos também chamados “cristão avulsos”, isto é, aqueles que não se vinculam a nenhuma instituição, mas a “uma comunidade afetiva” sem um compromisso comunitário ou social⁹⁰.

Quanto à questão da identidade, um dos grandes desafios do campo religioso é, justamente, a instabilidade da transmissão da memória coletiva. Essa condição era peculiar nas experiências religiosas tradicionais, mas foi dando lugar a uma pertença mais imediatista, que pouco (ou quase nada) referenda o passado para entender o presente. Esse marco é um referencial teórico importante para a compreensão das identidades em sociedades urbanas e complexas: “A destradicionalização generalizada das sociedades contemporâneas se expressa na crise das instituições religiosas e na liberdade do sujeito em relação aos complexos sistemas de construção das identidades tradicionais” ⁹¹.

1.2 Discernimento teológico sobre a cidade

O pensamento teológico, arraigado a princípios universais estáticos, será capaz de dialogar com as contradições da vida urbana?

⁸⁸ BARRERA, P. *A Fragmentação do Sagrado*. p. 457-458.

⁸⁹ LIPOVETSKY, G. *A Felicidade paradoxal*. p. 44-45

⁹⁰ BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa: novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

⁹¹ BARRERA, P. *A Fragmentação do sagrado*. p. 462.

Gustavo Gutiérrez afirma que Teologia, enquanto a inteligência da fé, precisa ser um compromisso, uma atitude global em favor da vida ⁹², para que possa novamente ser relevante. “A Teologia mergulha sempre as próprias raízes na densidade histórica do presente da fé” ⁹³. Uma linguagem excessivamente abstrata e descontextualizada pouco tem a dizer hoje, o que faz com que o discurso teológico não tenha nenhum influxo na sociedade e no mundo da cultura. Nesse sentido, a vivência religiosa não está em rota de colisão com o mundo, mas busca criar espaços de interlocução de subjetividades, como horizonte ético que incida na vida urbana.

Segundo Brighenti: “a tarefa da teologia, enquanto tal, é ser o “momento segundo”, isto é, uma reflexão crítica da fé, precedida pela experiência da mesma por comunidades eclesiais com seus desafios concretos” ⁹⁴. Contudo, este momento deverá ser constituidor de um processo mais abrangente. “O fazer Teologia”, no contraste com a vida e com a história das pequenas e grandes comunidades, foi uma característica marcante da Teologia Latino-Americana, especialmente a partir de Medellín e Puebla: “[...] a opção preferencial pelos pobres é o que de mais essencial se tem na contribuição da vida da Igreja na América Latina da Teologia da Libertação à Igreja Universal” ⁹⁵. Essa rica interação promoveu um intercâmbio e uma horizontalidade de experiências e saberes entre a Teologia e as comunidades de fé.

O discernimento teológico dá-se, portanto, nesta relação dialética, que parte da realidade para a fé e, a partir da fé, busca iluminar a realidade como lugar teologal. Afirma Décio Passos: “O cristianismo e as religiões de uma maneira geral só poderão posicionar-se na metrópole com consciência e projeto. O sujeito da fé se faz indissociavelmente do sujeito político” ⁹⁶. É preciso, antes de mais nada, reconhecer que a teologia e a fé não são questões a serem tratadas em âmbito privado, mas elas têm uma contribuição, uma palavra a dizer acerca da vida urbana e à sociedade justa e solidária.

O Documento de Aparecida refere: “a fé nos ensina que Deus vive na cidade, no meio das suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio às suas dores e

⁹² GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir sofrimento do inocente*. p. 166.

⁹³ GUTIÉRREZ, G. *A situação e tarefas da Teologia da Libertação*. p. 85.

⁹⁴ BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa*. p. 108.

⁹⁵ GUTIÉRREZ, G. *A situação e tarefas da Teologia da Libertação*. p. 92.

⁹⁶ PASSOS, J. *A fé na metrópole*. p. 14.

sofrimentos”⁹⁷. Uma das características do cristianismo é o seu caráter encarnatório e histórico. É o grande mistério do Verbo, que ao assumir toda realidade humano-divina, tornou-se solidário como os crucificados da história. Porém, permanece o desafio: “as sombras que marcam o cotidiano das cidades não podem impedir que se busque e se contemple o Deus da vida também nos ambientes urbanos”⁹⁸, mas deverá se constituir em espaço de convívio fraterno e de liberdade.

Um olhar mais atento para o Segundo Testamento, de maneira especial para os livros Atos dos Apóstolos, Apocalipse e cartas paulinas, revela uma comunidade eminentemente urbana. O conjunto dos textos paulinos, por sua vez, mostra um apóstolo que empreendia inúmeras viagens através das rotas do comércio e das cidades portuárias. Nelas, criam-se redes de convivência e de solidariedade a partir da “casa” (*oikos*), através das inúmeras pessoas envolvidas no processo.

O Documento de *Aparecida* aponta uma chave bíblico-teológica: apresenta a Jerusalém escatológica do livro do Apocalipse, capítulo 21, versículos 3 e 4, como horizonte dialético entre a cidade. Trata-se de uma teologia que sinaliza para a novidade Pascal de Cristo e o modelo escatológico da cidade. Sobre esta temática, João Décio Passos faz uma ressalva importante:

Não se trata de pensar a cidade celeste em detrimento da cidade histórica concreta. Nesse sentido, o conhecimento das dinâmicas constitutivas da cidade e da vida urbana como elucidam as ciências constituirá mediação obrigatória do fazer teológico, sob pena de projetar-se sobre uma cidade idealizada, sem nexos com a realidade real⁹⁹.

A Teologia da cidade tem como objetivo compreender a relação dialética acima exposta. Como afirma o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*: “alegrias e esperança, tristeza e angústias dos homens de hoje, especialmente dos que mais sofrem, são também as alegrias e esperanças, tristezas e angústias dos discípulos de Jesus Cristo”¹⁰⁰.

⁹⁷ DAp, n. 514.

⁹⁸ DAp, n. 514.

⁹⁹ PASSOS, J. *Teologia e Cidade*. p. 271.

¹⁰⁰ GS, n. 1.

Nesse mundo, “em rápidas e profundas transformações”¹⁰¹, a cultura urbana e plural tem na metrópole seu espaço de produção, de veiculação e de expansão. Sendo assim, a cidade assume um lugar estratégico como *locus* privilegiado para a reflexão teológica, que busca compreender a vida social, no meio urbano, com suas multiplicidades e singularidades. É um desafio olhar para o meio urbano como um lugar teológico: “Deus mora nesta cidade”¹⁰², pois o rosto e a voz de Deus se fazem presentes neste universo cultural que se complexifica. Sendo assim, qual o papel Teologia frente a tal situação? Paulo VI, na *Octagesima Adveniens*¹⁰³, diz:

Construir a cidade, lugar de existência dos homens e das suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e de relações, descortinar uma aplicação original da justiça social, assumir, enfim, o encargo deste futuro coletivo que se prenuncia difícil é uma tarefa em que os cristãos devem participar¹⁰⁴.

A tarefa da Teologia, no espaço urbano, não é apenas descrever suas contradições, mas ter um olhar crítico sobre essa realidade, discernindo os “sinais dos tempos”, acolhendo os apelos de Deus em meio a essas situações. Segundo Décio Passos, para uma correta interpretação desse processo é necessário compreender o “ser e o dever ser da cidade”, os quais têm no capital financeiro e tecnológico seu centro de irradiação planetária.

Uma das tarefas que caberá à Teologia neste espaço público é a busca da cidadania e da justiça como valores inalienáveis em meio a espaços de indivíduos anônimos e consumistas: “A metrópole mais humana, construída por cidadãos e construída de cidadania, se faz a partir de valores assumidos com fins que devem adequar-se aos meios econômicos, políticos e tecnológicos”¹⁰⁵.

Uma das questões de plausibilidade e pertinência das discussões teológicas é a sua capacidade de apontar para uma cidade possível e justa, ao invés de ficar refém de modelos históricos tradicionais já superados. Neste contexto, é importante anunciar com coragem e

¹⁰¹ GS, n. 4.

¹⁰² SI 47, 9.

¹⁰³ O papa Paulo VI, nesta encíclica, desafiou os cristãos a uma atuação mais significativa no campo da política. Segundo ele, a relação entre fé e política deve ser reciprocidade e serviços: “Política é uma maneira diligente, se bem que não seja a única – de viver o compromisso cristão ao serviço dos outros” (AO, n. 46). O texto fala de suas aspirações: a igualdade participação como expressão da dignidade humana, porém, para que isso se efetive, são necessárias mediações políticas.

¹⁰⁴ AO, n. 12.

¹⁰⁵ PASSOS, J. *A Fé na metrópole*. p. 13.

destemor o reino de justiça e de paz em meio a uma realidade injusta e desigual, proclamando a dignidade humana, sobretudo onde ela é mais ferida, vivendo a solidariedade em meio à indiferença e ao individualismo tão contundentes. Essa perspectiva da construção do Reino de Deus compõe e, ao mesmo tempo, desafia a vivência religiosa no mundo.

Falando de *práxis* urbana, constata-se, conforme o Documento de Aparecida, que o pluralismo urbano tem suscitado tendências apologéticas e de desconfiança em relação à cultura moderna: “A Igreja é chamada a repensar profundamente e relançar com fidelidade sua missão [...] ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigo e ameaça”¹⁰⁶. No entanto, urge uma prática eclesial criativa, que evite atitudes pessimistas e reticentes. Segundo Brighenti, é preciso aprender a enriquecer-se com a história e tirar lições concretas para agir pastoral, entendendo que a crise eclesial momentânea não está dissociada de uma mais ampla. Os tempos de crise são momentos de elaboração de novas sínteses:

Antes de tudo, com os olhos de fé, estamos desautorizados a olhar para história com uma visão catastrófica, como profetas de calamidades. Isto equivaleria a sermos incapazes de aprender da história, a não aceitar a história. Confiantes no Espírito que conduz a Igreja através dos tempos, cabe-nos olhar para o futuro não como uma ameaça. Espera-nos um tempo, é verdade, não de facilidades, mas certamente de novas possibilidades, que permitirão tonar presentes o Evangelho como instância de sentido também na civilização emergente¹⁰⁷.

Do ponto de vista metodológico, uma análise teológica pertinente deverá ser intercultural e inter-religiosa e capaz de descrever conceitos em rede para poder estabelecer conexões interdisciplinares. O *logos* sobre Deus deverá incorporar em sua elaboração a pluralidade para que possa dar conta da amplitude e complexidade do fenômeno social e cultural. Assumir tal postura significa ter coragem de envolver diferentes expressões religiosas como interlocutoras em um espaço amplo contraditório, onde é preciso abandonar as pretensões e a segurança de ter a última palavra sobre todos os assuntos, colocando como uma voz em meio a uma polifonia de experiências e tradições. Trata-se de “um discernimento aos próprios modos institucionalizados de crer e de viver a fé dentro da Igreja e dentro da própria cultura urbana”¹⁰⁸.

Uma vez contextualizado o fenômeno urbano, apresentar-se-ão alguns de seus desdobramentos na Cidade de Rio Grande/RS, especialmente a partir do advento do Polo

¹⁰⁶ DAp, n. 11.

¹⁰⁷ BRIGHENTI, A. *Reconstruir a Esperança*. p. 29.

¹⁰⁸ PASSOS, J. *Teologia e Cidade*. p. 13.

Naval *offshore*. Considerando que a vida comunitária é um espaço de pertença, mas também de disputas, faz-se necessário problematizar o pluralismo cultural e religioso e a ingerência do global sobre o local, que trazem inúmeros desafios nas mais diferentes esferas.

2 O ESPAÇO URBANO E O ADVENTO DO POLO NAVAL NA CIDADE DO RIO GRANDE/RS

Como já fora tratado no capítulo anterior, a cidade constitui-se como amálgama de processos complexos, envolvendo questões políticas, culturais, econômicas e também religiosas, que são o foco desta dissertação. Diante disso, a comunidade local é instigada a dar uma resposta, a fim de que o pluralismo não se converta em indiferença e conflito.

A Cidade de Rio Grande/RS, com o alavancamento da Indústria Naval, tem se inserido num cenário de intenso fluxo migratório, que, por um lado, gera riqueza e, por outro, dilemas sociais. As rápidas e intensas transformações geradas pelo Polo Naval têm conduzido a novos estilos de vida, que representam ruptura com o modelo da sociedade local estabelecida ¹⁰⁹.

Para introduzir o enfoque Polo Naval, torna-se necessário situá-lo no tempo e no espaço geográfico. Esse grande empreendimento portuário situa-se na Cidade de Rio Grande/RS e, para melhor explicar sua implantação, é importante entender o contexto do surgimento da cidade e os desafios urbanos decorrentes disso.

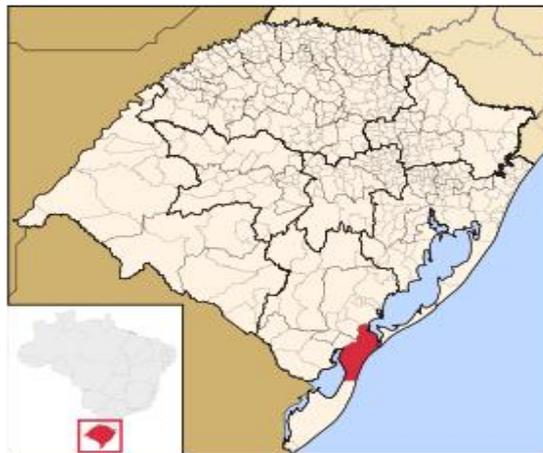


Figura 1 - Localização de Rio Grande no mapa do RS

¹⁰⁹ Os dados e as projeções de crescimento impressionam pela magnitude dos investimentos. Disponível em: <http://www.bancodedadoszonasul.com.br/htmlarea/midia/files/feira%209-9.pdf>. Acessado em 11/12/13.

2.1. Contextualizando a História da Cidade de Rio Grande

Segundo os pesquisadores ¹¹⁰, navegantes que se dirigiam à Colônia de Sacramento, no ano de 1531, passavam por uma desembocadura, julgando ser de um grande rio, sem jamais entenderem que, na realidade, era a Laguna dos Patos. Fato que deu origem ao nome da cidade.

Com o avanço das tropas espanholas pelo sul do Continente, em 1734, o Brigadeiro José da Silva Paes chegou ao litoral gaúcho para iniciar o povoamento e a resistência portuguesa, construindo uma fortificação de madeira, que denominou “Forte Jesus, Maria e José”, por ser devoto da Sagrada Família. Assim, a localidade, além de ter um papel militar, passou a ser uma entrada de imigrantes, escoadouro de produtos e conquistas de terras.

Estudos apontam que na localidade já habitavam indígenas, fato confirmado através de alguns sítios arqueológicos encontrados na beira do Saco da Mangueira e no Povo Novo, mais precisamente na área conhecida como Pesqueiro. Pontas de flechas talhadas em madeiras e pedras, pedaços cerâmicos de jarro e vasos datados do século XVI indicam a existência de uma população autóctone anterior aos registros oficiais de fundação do município.

Em 1740, iniciou-se a edificação de um templo na vila junto ao porto, por ordem de Gomes Freire. Para Moesch ¹¹¹, o fato de o templo ser dedicado a São Pedro deveu-se a que Martim Afonso de Souza, ao percorrer toda a Laguna dos Patos até o oceano Atlântico, deu ao local o nome de “Rio de São Pedro”, sendo oficializado como o padroeiro de toda a localidade, inclusive, do Rio Grande do Sul. Esse templo é hoje a Catedral de São Pedro, primeiro prédio em alvenaria da Cidade de Rio Grande e Igreja mais antiga do Estado.

Assim, Rio Grande sempre teve relação ambígua com o porto e o mar. Ora fonte de riqueza e de prosperidade, ora fruto da ganância e da pesca predatória que decretou o fim da indústria pesqueira. De simples fortaleza à categoria de cidade, é um lugar estratégico, ponto de acesso, escoamento de safras e polo industrial do extremo sul do Brasil.

Para entender melhor essa dinâmica, os itens seguintes permitirão uma análise da configuração histórica portuária de Rio Grande.

¹¹⁰ ALVES, F. *Porto de Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008.

¹¹¹ MOESCH, E. P. O Padroado e a Igreja no Rio Grande do Sul. In: BERNARDI, J. (org). *História e missão da Igreja no RS*. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

2.1.1 Contextualizando a trajetória o desenvolvimento portuário na cidade de Rio Grande ¹¹²

A expansão das atividades urbanas, ao longo da história da cidade de Rio Grande/RS, deu origem a um processo dinâmico e contraditório, produzindo riqueza e conflitos sociais frutos da concentração de renda em determinados segmentos econômicos (mão de obra especializada, fornecedores em geral, indústria do ramo e construção civil) ¹¹³. Essa dinâmica deu-se tanto na indústria como no comércio, subsequente de um longo período de estagnação econômica. Cabe ressaltar que esse fenômeno não aconteceu apenas nesse município, mas em toda metade sul do Estado; foi assim na década de 20 com a construção do Porto Novo, bem como na década de 70, com a consolidação do Superporto.

Em 2003, com a finalidade de retomar a indústria naval brasileira e dinamizar os diferentes setores econômicos do país, o Governo Federal implantou a Política Nacional de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo para outras regiões brasileiras. Tal projeto visava descentralizar a cadeia produtiva, até então restrita ao sudeste do Brasil, gerando emprego e renda em outros locais, já que, por muitos anos, esse setor foi perdendo a competitividade no mercado global por falta de tecnologia e altas tributações. Fato que resultou em abandono desse segmento, levando à importação de navios e plataformas, sobretudo da Coreia do Sul. A retomada da Indústria Naval devolveu ao Brasil não somente a competitividade mundial, mas um “capital social”, que demandou em mão de obra e investimentos nas áreas estratégicas, das quais Rio Grande faz parte:

É um verdadeiro resgate da indústria naval brasileira, que teve períodos de sucesso e de crise desde a implantação do primeiro estaleiro, em 1846, e que estava estagnada nas últimas duas décadas. Agora, renasce ancorada pela

¹¹² Para uma melhor compreensão do tema abordado, recomenda-se a leitura dos seguintes autores:

ALTMAYER, F & CARNEIRO, O. *Cidade do Rio Grande, 270 anos: a mais antiga do Estado*. In Caderno de História, n. 33. Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

ALVES, F. *Porto de Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008.

MARTINS, S. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade*. Rio Grande: Editora FURG, 2006.

MARTINS, S. *O papel da cidade de Rio Grande/RS na economia gaúcha durante o período de 1873 a 1930*. Disponível em: www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e6-02.pdf. Acessado em 10/01/14.

¹¹³ Sobre essa temática é interessante ler o capítulo 3- *Rio Grande cidade das construções de uma identidade*-dissertação de mestrado em Educação Ambiental da Prof.^a Fabiane Pianowski. Disponível em: http://www.academia.edu/4830153/Me_veja_no_que_veja_a_relacao_entre_cidade_e_identidade_-_uma_reflexao_a_educacao_ambiental_Fabiane_Pianowski. Acessado em 13/12/13.

aceleração da expansão do petróleo e *offshore* e também pelo incremento do transporte marítimo no mundo ¹¹⁴.

Rio Grande tornou-se atrativa aos investimentos públicos e privados mediante um conjunto de fatores: uma geografia favorável, boa infraestrutura logística e único porto marítimo do Rio Grande do Sul. Na figura a seguir, é possível observar a área destinada à instalação do Polo Naval:



Figura 2 - Área destinada à im plantação do Polo Naval

Outro fator que impulsionou tal aporte financeiro foi a descoberta das jazidas de petróleo na área do pré-sal. Para atender tal demanda, a PETROBRAS investiu na construção de novas plataformas e navios:

A experiência adquirida com a construção da primeira plataforma de petróleo em Rio Grande, a P-53, deu *know-how* à Empresa Quip. Hoje, a empresa trabalha nos projetos da P-55, em construção no Estaleiro Rio Grande, terá capacidade para produzir 180 mil barris de petróleo e quatro milhões de m³ de gás natural diários. A P-63 é uma plataforma do tipo FPSO (*Floating Production Storage and Offloading*) e terá capacidade para processar 140 mil barris ao dia de petróleo ¹¹⁵.

Essa nova conjuntura possibilitou ao município de Rio Grande, bem como outras cidades da região, uma rápida ascensão econômica. A cidade de Pelotas tornou-se atrativa pela curta distância, além de ter uma ótima infraestrutura imobiliária, hoteleira e comercial. O reflexo é sentido na dramática e concorrida procura de imóveis residenciais para os

¹¹⁴ Entrevista concedida à revista Conexão Marítima pelo ex-superintendente do Porto de Rio Grande e então Coordenador da Feira do Polo Naval (ocorrida em 2012 na mesma cidade), Jayme Ramis. p. 40.

¹¹⁵ Fonte: <http://www.polonavalrs.com.br/2012/polo.html>

trabalhadores do Polo Naval ¹¹⁶ e pela especulação imobiliária, que vê ocasião para tirar proveito da situação.

Quanto à estrutura oferecida pelo porto de Rio Grande, é importante destacar os Molhes da Barra, construídos para manter o tráfego hidroviário. Por tratar-se de uma obra ímpar e de relevância estratégica, garante a segurança, o calado do canal e o acesso à estrutura portuária.

Nos itens a seguir, abordar-se-ão questões históricas acerca desta obra de engenharia, bem como a instalação do Superporto, na década de 70.

2.1.2 Molhes da Barra

Inicialmente, a mais expressiva iniciativa econômica portuária, sem dúvida alguma, foi a construção dos Molhes da Barra, em 1915. Obra francesa, formada por gigantescas pedras, acopladas a uma estrutura de concreto com aproximadamente 6.5 km, adentrando o Oceano Atlântico, tem por finalidade garantir a segurança náutica, assim como a trafegabilidade de navios de grande porte.

Pela importância do porto rio-grandino, havia a preocupação econômica do governo por essa área de escoamento, mas de risco às embarcações. Em 1875, Sir John Hawkshaw vistoriou a localidade portuária e propôs a construção de dois quebra mares paralelos em direção ao mar, numa extensão de 2 milhas cada (cerca de 3,5 km).

Honório Bicalho foi encarregado de definir o projeto da Barra, em 1883, o qual foi modificado dois anos depois pelo engenheiro holandês Pieter Caland. Com a proclamação da República, as obras foram paralisadas até 1906, quando o governo brasileiro contratou o americano Elmer Corthell para a execução das obras. Sozinho, o engenheiro sentiu-se incapaz de realizar tamanho empreendimento, buscando uma aliança com Percival Farquhar, que já havia participado da construção da ferrovia transcontinental das Américas, além de outras obras de iluminação e telefonia em diversas empresas no Brasil. Contudo, os dois engenheiros não conseguiram o capital indispensável para a construção de uma ferrovia, essencial para a execução da obra, recorrendo a capitalistas europeus. Formou-se a *Companhie Français du*

¹¹⁶ Sobre o impacto do Polo Naval no mercado imobiliário, ler <http://lares.org.br/2013/artigos/893-1040-1-SP.pdf>. Acessado 10/11/13.

port Rio Grande do Sul, devidamente autorizada pelo decreto nº 7007, de 02/07/1908. Dois anos depois, a obra foi reiniciada.

Cabe salientar que a implantação do transporte ferroviário no Rio Grande teve papel preponderante no Porto. Procedente de Bagé-Cacequi, a ferrovia, além de ser um meio de transporte de mercadoria e pessoas, trazia para cidade toneladas de rochas das pedreiras do Capão do Leão, indispensáveis para o projeto dos molhes da Barra. Além disso, a ferrovia estendeu-se, em 1890, para a praia do Cassino, o que facilitou o crescimento e desenvolvimento deste balneário.

Em 1915, o primeiro trecho do porto foi entregue para operação, numa extensão de 500m e uma profundidade de 7m. Apesar do grande empreendimento, com a 1ª Guerra Mundial, inúmeras dificuldades acabaram por afetar as empresas, inclusive a “*Companhie Française*”, que acabou vendendo o direito de exploração do Porto à União sendo, após, transferido para o Estado do RS, pelo decreto 3.543 de 25/09/1918.

Embora arrojada para a época, tal proposta esbarrou na grande depressão econômica mundial da década de 30. Um novo gerenciamento do porto só foi acionado em 1951, com a criação do DEPREC (Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais), já que a União renovou por 60 anos a concessão e manutenção da área portuária.

A figura abaixo, dos Molhes da Barra, ilustra a magnitude desta que foi considerada a maior obra de engenharia portuária do século XX, formada por “dois braços”, cuja finalidade é garantir o calado adequado para o trânsito de navios de grande porte. Mediante essa estrutura, foi possível a consolidação do Superporto de Rio Grande, tema que será abordado a seguir.



Figura 3 - Vista aérea dos Molhes da Barra

2.1.3 Superporto: criação e reorganização

Com a criação do Superporto ¹¹⁷, no final da década de 60 e início de 70, consolidou-se, dessa forma, a sua ampliação, que até então estava restrita à área do Porto “Velho” ¹¹⁸ ou também Porto Histórico, conforme demonstra a figura.



Figura 4 - Armazéns do Porto no início do século XX

As grandes mudanças que ocorreram no Brasil e no mundo, tanto na política quanto na economia, não foram fatos isolados, pois as ciências, principalmente a química, a mecânica e a biológica, desencadearam o processo de produção de adubos, herbicidas e maquinário em geral. Nessa medida, os países passaram a produzir mais, importando e exportando, o que exigiu maior complexidade no transporte e escoamento, utilizando os portos para tais finalidades.

Com a chegada da informática, cada vez mais os portos foram se adaptando à modernização, o que sedimentou o processo produtivo de beneficiamento e circulação de produtos. Essa conjuntura ganhou nova configuração, especialmente a partir da “política dos Corredores de Exportação”, que agregou um sistema complexo de redes viárias: rodovias, ferrovias e o transporte marítimo.

Com esse alavancamento do processo industrial, a região portuária tornou-se atrativa comercialmente, instalando-se então inúmeras indústrias de fertilizantes, óleos vegetais e um dos maiores terminais de frigoríficos da América Latina. Indústrias de grande porte como a Luchsinger-Madorin S.A (adubos Trevo), Fertisul (já extinta) e terminais graneleiros como a

¹¹⁷ Para um melhor entendimento da temática, recomenda-se: VIEIRA, E. & VIEIRA, M. *Espaços globais: geoestratégias e poder no sistema institucional portuário-retroportuário de Rio Grande- RS*. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2735/273526029003.pdf>. Acessado em 15/01/14.

¹¹⁸ Ler também: TORRES, L. H. *Memórias do cais: o porto velho do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 2009.

Cotrijuí (Termassa), Bianchini e outras foram se expandindo ao longo da BR 392 e da orla portuária, formando um grande complexo de silagem e estocagem de produtos para a exportação e para o mercado interno.

Subsequente a esse ciclo econômico, tem-se um período de estagnação econômica nesta região. Foi assim na década perdida, marcada pela recessão econômica e pelo desastroso impacto ambiental gerado por essas empresas.

Durante anos, o porto de Rio Grande sofreu um isolamento, causado pela pouca infraestrutura rodoferroviária, o que fez com que o porto da Capital do Estado, mais centralizado e com boa estrutura para a área comercial, se tornasse atrativo, embora não dispusesse do mesmo nível de calado e espaço para a atracação de grandes embarcações.

Com a lei de modernização dos Portos (1993), a operação portuária acabou sendo feita somente por operários privados. Nesse período, expirou-se a cedência portuária para o Estado, mas esse prazo foi prorrogado até março de 1997. Um ano antes do término da concessão, (1996), o governo do Estado do RS desmembrou o porto da autarquia (DEPREC) criando a Superintendência do Porto do RG (SUPRG). Já em 1997, os Governos Federal e Estadual assinaram um novo convênio, concedendo ao Estado do RS a administração e exploração dos portos do Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre e Cachoeira do Sul, por 50 anos.

Na década de 90, com a abertura nacional ao mercado e à consolidação do modelo neoliberal, pôs em curso a privatização e a transnacionalização ¹¹⁹ do complexo portuário rio-grandino, marcada fortemente pela expansão dos setores logísticos, especialmente contêiner.

Esse conjunto de forças impulsionou um novo ciclo de expansão e investimentos, iniciado com a construção da primeira plataforma marítima (P-53), abrindo perspectivas para novos segmentos econômicos: a indústria de metal-mecânica, de madeira, de papel e de celulose, seguida pela consolidação de parques eólicos. Essa cadeia de atividades produtivas junto ao Porto de Rio Grande denomina-se Polo Naval e *offshore*, que poderá tornar-se um dos principais portos da América-Latina:

A Cidade do Rio Grande, berço histórico e cultural do estado do RS, mais uma vez assume o seu papel de empreendedorismo nato e passa a absorver o segundo maior Polo Naval do Brasil, onde hoje estão instaladas grandes empresas na área

¹¹⁹ Essa temática poderá ser aprofundada a partir da leitura de: MALLAS, D. *Os portos brasileiros na globalização: uma nova geografia portuária?* Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiadeltransporte/17.pdf>. Acessado em 01/12/13.

do oil&gas e empresas especializadas em montagem de plataformas tipo PSV¹²⁰.

Abordada as questões geográficas e históricas, cabe compreender os desafios que advêm desse novo e complexo paradigma, que traz um pluralismo cultural e religioso, colocando questões instigantes ao pensamento teológico.

2.2 Desafios do Polo Naval à Cidade de Rio Grande

Segundo os dados disponíveis pela 1ª Feira do Polo Naval 2012²⁶, a Cidade de Rio Grande teve um acréscimo de 200% no seu PIB (Produto Interno Bruto) nos últimos 10 anos, com estimativa de que, até 2020, seja o segundo maior do Estado, gerando um orçamento de 800 milhões e 60.000 empregos e uma população de aproximadamente 450 mil.

Os investimentos por parte do Governo Federal, especialmente a partir de 2003, geraram uma oferta superior a 30.000 empregos diretos e indiretos. Contudo, o despreparo da mão-de-obra local ocasionou a migração de diversos trabalhadores para a cidade a fim de preencher os cargos disponíveis.

Junto com o crescimento econômico da região, advêm uma série de fatores que demonstram a incapacidade do poder público e da comunidade rio-grandina na acolhida aos migrantes: saúde pública deficitária, hospitais superlotados, pouca oferta de imóveis, trânsito caótico, supervalorização de algumas áreas nobres e especulação imobiliária. Aliem-se a esses fatores, um serviço público inoperante (transporte, urbanização, acúmulo de resíduos) e infraestrutura precária para tal demanda:

[...] o município do Rio Grande, apesar de ser o quarto (no estado do RS) em arrecadação, é um dos mais desiguais do estado. Há falta de escolas infantis, de escolas profissionalizantes, de saneamento. Atualmente, 10 mil famílias recebem auxílios do Governo Federal (bolsa família e outras), mais de 5 mil pescadores recebem seguro defeso¹²¹.

Constatam-se modificações no espaço urbano, que tem se dado a partir dos novos empreendimentos: asfaltamento de ruas, construção de novos condomínios e a verticalização do centro da cidade, dando lugar a edifícios mais altos e bem planejados. Esse intenso

¹²⁰ Fonte: <http://www.polonavalrs.com.br/2012/polo.html>. Acessado em 2/11/12.

¹²¹ Fonte: http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_lleics/gt7caio.pdf. Acessado em 01/08/2013.

processo de transformação está plasmando um modelo mais massificado, como já foi abordado no primeiro capítulo.

Embora esse processo ocorra, há questões estruturais que necessitam ser sanadas: Trata-se das questões que dizem respeito à posição geográfica e seu impacto no mercado imobiliário, restrito a um seleto grupo, que detém parte dos imóveis na área central:

A cidade, que já ocupa a segunda colocação na lista de cidades com maior concentração populacional do estado, ficando atrás apenas de Porto Alegre (e região metropolitana), possui fatores geográficos e históricos que dificultam a sua verticalização. Há escassez na oferta de imóveis frente à crescente demanda causada pela chegada de novos trabalhadores vindos das mais diversas regiões do país à procura de emprego¹²².

Exemplificando o que fora mencionado, os dois únicos hospitais da cidade encontram-se na área ainda considerada central, mas que, na verdade, situam-se na extremidade da área portuária, às margens da Laguna dos Patos, obrigando aqueles que necessitam a, cruzar toda a cidade, o que ocasiona um problema logístico.

Ao lado das questões que dizem respeito à especulação imobiliária, têm-se os conflitos gerados pela ocupação de áreas públicas, devido ao abusivo valor dos imóveis. Outro fator que pouco se tem abordado é a remoção de comunidades que, historicamente, ali alocadas, vivem da pesca artesanal e que agora precisam ser removidas para dar espaço aos novos empreendimentos portuários¹²³.

2.2.1 Desenvolvimento contraditório

O Polo Naval, distinto dos outros ciclos econômicos, tem diversificado a matriz produtiva do município, especialmente pela instalação de novas empresas, o que é extremamente satisfatório enquanto gerador de renda, emprego e investimento, mas nefasto se não há um planejamento estratégico, o que resulta numa tarefa difícil para o poder público, que num curto espaço de tempo, precisa dar conta de uma demanda sempre crescente,

¹²² Fonte:

http://www.fee.tche.br/sitefee/download/eeg/6/mesa3/O_Impacto_do_Polo_Naval_no_Setor_imobiliario_da_cidade_de_RioGrande_RS.pdf. Acessado em 1/08/2013.

¹²³ Sobre essa temática, ler: PELLEJERO, N. K. *Direitos e ações coletivas nas múltiplas escalas entre o local e global: A luta pela morada no município de Rio Grande/ RS*. Disponível em: http://www2.ufpel.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=648. Acessado em 10/12/13.

exigindo soluções rápidas e eficientes para os problemas gerados por opções políticas e econômicas, em diferentes instâncias.

Rio Grande, embora em plena ascensão econômica, ainda não conseguiu ir além das suas opções históricas equivocadas, por isso se fala de um processo de desenvolvimento econômico contraditório, pois, diferentemente de outras regiões do estado, a economia do município se encontra excessivamente dependente do capital transnacional, o que resulta na dissociação entre a economia e as instituições locais.

Uma realidade que não pode ser omitida é a crescente polarização social em termos de distribuição da riqueza e da renda. De um lado, tem-se um mercado que exige mão de obra qualificada e de boa remuneração e, de outro, grande massa de trabalhadores, chamados de “peões”, que ganham salários muito inferiores, trabalhando em condições precárias ¹²⁴.

Alain Touraine, ao abordar a passagem da Sociedade Industrial, baseada no taylorismo e fordismo, para a Sociedade da Informação, analisa a ruptura social imposta por esse modelo:

[...] os movimentos sociais formados num tipo de sociedade são substituídos por movimentos históricos que respondem a um tipo de gestão de mudança histórica. A globalização, convém repetir, é uma forma extrema de capitalismo que não tem mais contrapeso. A luta das classes desaparece, não porque as relações entre empregados e assalariados se tenham tornado pacíficas, mas porque os conflitos deslocaram-se dos problemas internos da produção para as estratégias mundiais das empresas transnacionais e das redes financeiras ¹²⁵.

Esse modelo de crescimento econômico tem se pautado por uma economia de livre mercado, que visa beneficiar os interesses de uma pequena parcela economicamente privilegiada. Nota-se uma nítida redução dos interesses locais como forma de assegurar o respeito aos contratos e a manutenção da ordem:

O Estado não mais preside os processos de integração social e manejo sistêmico que se faziam indispensáveis à regulação normativa, à administração da cultura e à mobilização patriótica, deixando tais tarefas (por ação ou omissão) para forças sobre as quais não tem jurisdição ¹²⁶.

¹²⁴ Sobre os contrastes sociais advindos do Polo Naval, ler o artigo Polo Naval: “o outro lado do mar de oportunidades” <http://lares.org.br/2013/artigos/893-1040-1-SP.pdf> Acessado em 05/07/2013.

¹²⁵ TOURAINE, A. *Um novo paradigma*. p. 33-34.

¹²⁶ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 90.

No entendimento do Bauman, o capital transnacional acaba por definir os processos de desenvolvimento, colocando inúmeros desafios ao poder público e à sociedade civil em geral. Com isso:

As cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização. Os cidadãos e aqueles que foram eleitos como seus representantes estão diante de uma tarefa que não podem nem sonhar e resolver: a tarefa de encontrar soluções locais para contradições globais ¹²⁷.

Na sociedade globalizada e urbana, tais fatores moldam um novo estilo de vida, pelo aumento da violência, do consumo e do individualismo exacerbado, originados pela fluidez dos espaços de fluxos ¹²⁸, onde choques culturais são inevitáveis.

2.2.2 Os baianos e os estabelecidos: choques e estranhamentos culturais

O Polo Naval na Cidade de Rio Grande fez emergir questões que transcendem a problemática econômica, trata-se das disputas simbólicas que têm se travado no campo cultural. Visando compreender esse fenômeno, é significativa a obra *Os estabelecidos e os Outsider*, dos autores Norbert Elias e John Scotson, que realizaram inúmeros estudos numa pequena comunidade na Grã Bretanha, durante o período de expansão industrial. Tal contexto relatado poderá ser útil para analisar o fenômeno migratório advindo do Polo Naval na Cidade de Rio Grande. Fatores como a estagnação econômica e a distância de um grande centro urbano fizeram com que se constituísse uma comunidade autocentrada, ou usando a expressão de Elias: *established* ¹²⁹, o que permite uma conexão com o pensamento de Bauman, quando aborda o tema da homogeneidade cultural e daintolerância:

Numa localidade homogênea, é extremamente difícil adquirir as qualidades de caráter e habilidades necessárias para lidar com a diferença humana e situações de incerteza; e na ausência dessas habilidades e qualidades, é fácil temer o outro, simplesmente por ser outro, talvez bizarros e diferentes, mas primeiro e, sobretudo não familiar, não imediatamente compreensível, não inteiramente sondado, imprevisível ¹³⁰.

¹²⁷ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 89.

¹²⁸ Segundo Castells, os espaços de fluxo são novas estruturas definidas por uma concentração e descentralização territorial articulada por ciberespaços.

¹²⁹ Segundo a definição do Dicionário Oxford: *Advanced Learner's Dictionary*, *establishment* e *established* significam grupos de pessoas que ocupam uma posição privilegiada. Os *outsiders*, opondo-se, são indivíduos que não são aceitos num determinado grupo ou na sociedade, isto é, “não são”.

¹³⁰ BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. p. 55.

As questões econômicas têm ocupado os administradores nos diferentes níveis, sendo pertinentes e vitais para o desenvolvimento da cidade, porém, não são as únicas. Outros aspectos merecem destaques: choques culturais e conflitos por conta do caráter pluralista, que foram passados à sociedade rio-grandina nos últimos anos, produzindo inúmeras transformações culturais e religiosas. Se, por um lado, o intercâmbio e a aproximação com outras culturas enriquecem pela partilha de diferentes cosmovisões, por outro, corre o risco da despersonalização e de que uma cultura estigmatize a outra como elemento estranho. Nisto afirma Bauman: “[...] a cultura vira sinônimo de fortaleza sitiada [...] os habitantes têm que manifestar sua lealdade inquebrável e abster-se de quaisquer relações cordiais. Sob estas condições, o migrante torna-se um cidadão do mundo e, ao mesmo tempo, um apátrida”¹³¹.

Segundo Hall, os espaços de mobilidade urbana são marcados por fluxos materiais e simbólicos, as identidades se deslocam e promovem barganhas entre as relações identitárias. Por isso, esse contexto é sempre múltiplo e complexo, revelando ganhos e perdas, continuidade e rupturas de relações.

Abordar, atualmente, a situação social na Cidade de Rio Grande não pode somente se restringir às características objetivas, medidas por indicadores, mas é preciso analisar a situação de vulnerabilidade em que grande parte da população está imersa, bem como entender o conjunto das representações que se expressam nas formas de valores e crenças.

Com o advento do Polo Naval, vive-se o desconforto e o estranhamento em relação aos migrantes, especialmente nordestinos. A acolhida deve ter sempre um caráter recíproco, onde se respeitam os códigos culturais da localidade e os advindos pela migração; a ausência desse entendimento fez crescer os conflitos pela sensação de insegurança, que desencadeou suspeita e rancor pelos migrantes chamados genericamente de “baianos”, no entendimento de uma parcela da população rio-grandina. Afirma Bauman: “O apavorante precipício entre a comunidade e seus vizinhos mais parece uma trilha [...] aberta às aventuras desagradáveis”¹³².

Mas o que faz alguém sair de tão longe para enfrentar condições climáticas adversas e uma cultura muitas vezes hostil? A complexidade do dinamismo econômico coloca perguntas instigantes sobre a possibilidade de convivência harmônica entre culturas díspares.

¹³¹ BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. p. 127.

¹³² BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. p. 127.

Quanto à demanda de trabalho, não se justifica tal competição, já que os empregos não são ameaçados pelo excesso de migrantes na cidade, como afirmam alguns, mas pelo pequeno número de profissionais qualificados em determinadas áreas. Aqui, reside uma das questões importantes a serem debatidas e aprofundadas.

Por se tratar de disputas que se dão no campo simbólico, Bauman fala de *mixofobia*¹³³. À medida que as culturas plurais e multiformes entram em contato, ficam evidentes as idiosincrasias, os regionalismos linguísticos, as fisionomias e as vestimentas. Essas tensões tendem a desenvolver a segregação, o que já está acontecendo em parte através do uso das redes sociais com postagens de mensagens e vídeos pejorativos, como a música que embalou as rádios rio-grandinas: “foge que é baiano”¹³⁴. Afirma Bauman:

Mixofobia e mixofilia coexistem não apenas em cada cidade, mas também em cada cidadão. Trata-se claramente de uma coexistência incômoda, cheia de som e dura, mas, mesmo assim, muito significativa para as pessoas que sofrem a ambivalência da modernidade líquida¹³⁵.

Essa tentativa de se proteger desmascara a fragilidade das construções sociais identitárias. O receio de estabelecer relações significativas revela a insegurança e a fragilidade dos contextos culturais em lidar com a presença da alteridade:

[...] no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides que possam, em conjunto, pendurar seus medos, ansiedades individualmente experimentadas e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos, também assustados e ansiosos. É discutível se essas “comunidades-cabide” oferecem o que espera que ofereçam- um seguro coletivo contra incertezas individualmente enfrentadas; mas sem dúvidas marchar ombro a ombro ao longo de uma ou duas ruas, montar barricadas na companhia de outros ou roçar os cotovelos em trincheiras lotadas, isso pode fornecer um momento de alívio da solidão¹³⁶.

Nesse processo de interação comunitária, fica expresso o desejo de evitar qualquer contato físico. Ainda que possa haver vínculos que as unem, as pessoas deixam de participar, pelo medo e perigo que isso possa acarretar. Visando sanar tal dificuldade, há uma crescente

¹³³ Tal vocábulo significa, em Bauman, “medo de misturar-se”.

¹³⁴ Música foge que é Baiano – Vatapá & Acarajé. <http://www.youtube.com/watch?v=msOEqTW-hA>. Acessado em: 3/10/12.

¹³⁵ BAUMAN, Z. *Tempos Líquidos*. p. 95.

¹³⁶ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 21.

busca pelos “semelhantes”, a qual Bauman denomina de “comunidades de iguais”; que tenta minimizar os riscos ou, pelo menos, evitá-los.

Segundo esse autor, o combate à insegurança tem sido uma das prioridades urbanas. O aumento da violência fez com que o uso dos espaços públicos desse lugar a ambientes fechados; questões que dizem respeito à integridade física e pessoal convertem-se em uma pauta importante quando se trata das vantagens e desvantagens de viver num determinado lugar: “[...] procuramos salvação individual de problemas compartilhados”¹³⁷.

Os migrantes, que na sua maioria vêm trabalhar na Cidade de Rio Grande, são homens que deixam suas famílias para tornarem-se “migrantes econômicos” que, de tempo em tempo, ou melhor, de contrato a contrato, deslocam-se para inúmeras cidades conforme a oferta de trabalho. O modelo econômico que aqui está sendo gestado é marcado pelo contraste entre os detentores dos meios de produção, os operários e os miseráveis. Segundo dados fornecidos pela Pastoral do Migrante, estimam-se, hoje, 15 mil trabalhadores de outros estados residindo na Cidade de Rio Grande. Convém ressaltar que se trata de uma população flutuante, pois uma vez executada a obra solicitada, esses vão para outras regiões.

Para Bauman, isso constitui um problema com que as autoridades locais precisam se confrontar: “eles vêm para a cidade e transformam-se em símbolos dessas misteriosas forças da globalização”¹³⁸. E conclui, “eles representam a fragilidade e a precariedade de condição humana. Assim, por inúmeros motivos, os migrantes tornam-se os principais portadores das diferenças que nos provocam medo e contra as quais demarcamos fronteiras”¹³⁹.

A falha na integração e a ausência de um tecido social mais coeso produz uma ruptura muito profunda, pois coloca em perigo a coesão social, gerando distúrbios e aumento da violência. Ademais, é importante entender a maneira como se constroem os processos de negociação e adaptação entre a população local e os migrantes, especialmente quando produzem uma interação positiva gerando enriquecimento para a cidade, que acaba se beneficiando com o dinamismo dos diferentes elementos culturais.

No fim do século XIX, o Beato João Batista Scalabrini, apóstolo dos migrantes, dizia: “a pátria é o lugar que lhe dá o pão”. No contexto atual, tais palavras soariam *démodée*. Hoje, na sua grande maioria, as pessoas que vivem nas cidades não se identificam com a terra

¹³⁷ BAUMAN, Z. *Comunidade*. p. 129.

¹³⁸ BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. p. 78-79

¹³⁹ BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. p.78-80.

que as alimenta, com a fonte de suas riquezas, tal como durante o processo da Revolução Industrial. Segundo Bauman, a cidade seria apenas um lugar como outro qualquer.

Duas comparações acerca dos símbolos e da geografia corroboram o entendimento do que foi tratado. Primeiramente, tem-se a Fênix, estampada no brasão da bandeira municipal; essa referência mitológica estabelece uma relação com o entendimento das identidades que se entrecruzam, pois assim como ela renasce das cinzas, da mesma forma a Cidade de Rio Grande vem desconstruindo e reconstruindo sua identidade dialeticamente.

O segundo aspecto a destacar diz respeito à formação de “marismas”, característica constante na área costeira do extremo sul do Brasil, sendo parte do ecossistema local. Formado por vegetação típica de várzea (junco e macega) e com alto teor de salinidade, é abrigo para crustáceos e peixes, sendo lugar de reprodução e de passagem. Da mesma forma que os marismas são lugares transitórios, assim são as relações estabelecidas pelos “migrantes econômicos” com a Cidade de Rio Grande.

2.3 Pluralismo religioso na Cidade de Rio Grande

O advento do Polo Naval tem trazido para a Cidade de Rio Grande não somente um contingente de migrantes nordestinos, mas também de diferentes culturas e expressões religiosas.

Segundo dados do IBGE 2010¹⁴⁰, 45,72% se declaram Católicos Romanos; 22,39% sem religião; 10,8% Espíritas; 7,5% Evangélicos Pentecostais. Contrastando com os índices nacionais, a Cidade de Rio Grande demonstra um percentual pequeno de católicos em relação às outras denominações. Da mesma forma, o número daqueles que se declaram sem religião é superior à média brasileira.

Quanto ao aspecto cultural, sem muita dificuldade, é possível encontrar, circulando no espaço urbano: chineses, egípcios, peruanos, filipinos, senegaleses, haitianos e gregos. Os dados são empíricos, mas segundo um levantamento feito pela Pastoral Universitária estima-se que haja 200 estudantes de língua espanhola nos cursos de graduação e pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Essa nova conjuntura tem colocado desafios

¹⁴⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE/2010). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431560>. Acessado em: 10/11/13.

não somente no tocante à questão cultural ¹⁴¹, mas também religiosa. Como enfrentar o Pluralismo sem cair no relativismo? Como fazer com que a diferença não se torne indiferença e hostilidade?

Bauman, de forma contundente, parte do pressuposto de que a comunidade deve ser entendida de forma realista. Segundo ele, liberdade e espírito comunitário estão em rota de colisão. Em sociedades com certo nível de complexidade, os fluxos globais e locais nem sempre dialogam, havendo posturas reticentes e refratárias na convivência com o outro.

O sociólogo constata que o desencanto com o modelo de sociedade líquida tem subterraneamente levado a atitudes fundamentalistas e intolerantes, pois frente às inúmeras possibilidades de escolha (excesso), o fundamentalismo torna-se uma alternativa, constituindo-se em uma clara manifestação contra o relativismo generalizado, gerado pelas incertezas das situações de escolha em um mundo em desordem.

Tomando em consideração outra perspectiva, tem-se as contribuições de Faustino Teixeira. Segundo ele, o pluralismo religioso constitui-se em um dos desafios mais cadentes à Teologia, pois não se trata “apenas de um fato contingencial ou passageiro, mas como uma realidade positiva, inserida no desígnio misterioso de Deus” ¹⁴². Nessa perspectiva, é de suma importância o diálogo inter-religioso:

O diálogo autêntico traduz um encontro de interlocutores, pontuado pela dinâmica da alteridade, intercâmbio e reciprocidade [...]. O diálogo constitui uma dimensão integral de toda a vida humana [...]. E o que conta no diálogo é a reciprocidade existencial, a dinâmica relacional que envolve a semelhança e a diferença em processo de abertura ¹⁴³.

O diálogo é um elemento importante não somente porque pressupõe a diferença, mas também a convergência de muitos pontos que poderão ser assumidos por diferentes tradições religiosas e culturais.

Hans Küng, a partir de seu projeto *ethos* mundial, abre espaço para consolidar o encontro de pessoas de diferentes culturas, religiões e etnias, algo tão necessário e fundamental para a Cidade de Rio Grande e região, neste tempo de ascensão econômica gerada pelo Polo Naval. O estudo desse autor se faz importante em tal conjuntura, pois a

¹⁴¹ A palavra cultura indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e corpo. O termo cultura assume um sentido sociológico e etnológico.

¹⁴² TEIXEIRA, F. *A teologia do Pluralismo Religioso na América Latina*. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2010/04/teologia-do-pluralismo-religioso-na.html>. Acessado em 18/11/2012

¹⁴³ TEIXEIRA, F. *Teologia e Diálogo Inter-religioso*. p. 73-74.

partir da força ética das religiões¹⁴⁴ busca estabelecer uma meta comum para a sobrevivência de todos:

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões se não existirem padrões éticos globais. Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um *ethos* global, uma ética para o mundo inteiro¹⁴⁵.

Segundo o teólogo suíço, a questão que se coloca para a paz está condicionada à capacidade de dialogar com o diferente e com outras experiências religiosas. Fala-se excessivamente sobre diálogo, não obstante, quando se tratam de questões relacionadas às experiências religiosas, o desafio torna-se candente. Com isso, esboçam-se algumas dificuldades: como falar em pluralismo religioso se o pressuposto da reflexão teológica é uma adesão à fé particular?

O fato de reconhecer tal limitação não deve fazer da Teologia uma trincheira de grupos fortemente fechados, mas, ao contrário, deve colocar as grandes causas numa perspectiva mais abrangente possível:

Estas abordagens longas e complexas deixam suficientemente claro que uma abertura teológica máxima às outras religiões não exige a suspensão, nem da própria convicção de fé, nem a questão da verdade. Devemos lutar - numa “luta fraterna” (Vaticano II: “*fraternalis mulatio*”) - pela verdade¹⁴⁶.

Faustino Teixeira compreende que, sem a dinâmica da acolhida à diferença e o reconhecimento recíproco entre interlocutores de distintas identidades religiosas, não é possível estabelecer um diálogo profícuo.¹⁴⁷ Um passo seguinte torna-se necessário: a passagem do reconhecimento do pluralismo religioso de fato para um pluralismo de princípio, o que implica, segundo ele, reconhecer e afirmar o sentido da pluralidade das religiões como forma de manifestação do sagrado. Nessa esteira, insere-se o pensamento de Hans Küng:

¹⁴⁴ Küng coloca quatro pressupostos para a construção da paz entre as religiões: Não haverá paz entre as nações sem a paz entre as religiões; Não haverá paz entre as religiões sem o diálogo entre as religiões; Não haverá diálogo entre as religiões se não existirem padrões éticos globais. E, por fim, não haverá sobrevivência no globo sem um novo paradigma de relações internacionais na base e padrões éticos globais. KÜNG, K. *Teologia a caminho*. p. 16.

¹⁴⁵ KÜNG, K. *Projeto de Ética Mundial*. p. 7.

¹⁴⁶ KÜNG, K. *Teologia a caminho*. p. 290.

¹⁴⁷ TEIXEIRA, F. *O desafio do Pluralismo Religioso para a teologia Latino-americana*. Disponível em: www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/96.doc. Acessado em 18/11/2012.

O diálogo das religiões só acontece quando a identidade de cada uma é preservada; por isso, quando se fala de diálogo inter-religioso, nessa esfera estão descartadas algumas ações comuns e legítimas das práticas religiosas, tais como proselitismo, a defesa de sua religião como única e verdadeira (apologética), onde a atitude esperada é da escuta. Conhecer a sua própria verdade e disposição para ouvir a verdade do outro são os pressupostos para começar a dialogar¹⁴⁸.

Isso não se dá sem resistências e dificuldades por parte de alguns setores¹⁴⁹ e aqui se esboça outra dificuldade em pensar o pluralismo religioso. Em meio a tudo isso, uma pergunta faz-se oportuna: a que se deve tanto receio em acolher a pluralidade cultural e religiosa? Para Faustino Teixeira¹⁵⁰, a resposta está em que, assumindo tal postura, é preciso abandonar o exclusivismo por parte de alguns grupos, os quais buscam firmar sua identidade. Trata-se de reconhecer que a graça de Deus é muito maior que os limites fronteiriços das Igrejas.

Frente à liquefação provocada pelo pluralismo, a tendência é o acirramento das identidades confessionais como forma de salvaguardar sua própria identidade. “É preciso decididamente criar espaço de abertura e acolhimento da diversidade, de sensibilização à gratuidade e disponibilizada ao dom de Deus sempre maior”¹⁵¹. Os *insights* propostos pelo pluralismo religioso exigem atitudes arrojadas e proféticas, pois muito mais do que fazer o reconhecimento da diferença, trata-se de reconhecer a autenticidade e riqueza das diversas tradições e expressões religiosas.

A partir de uma perspectiva cristã de acolhimento ao migrante, dimensões como identidade e cultura ganham relevância. Para tanto faz-se necessário construir mediações de conflitos onde seja possível estabelecer um diálogo intercultural capaz de discernir valores e os contra-valores, mediante a escuta e o conhecimento das diferentes culturas.

Inúmeras iniciativas têm sido realizadas nesse sentido. A primeira seria a imersão no mundo linguístico; o migrante só será autônomo se for capaz de entender a língua e a cultura

¹⁴⁸ KÜNG, K. *Teologia a caminho*. p. 15.

¹⁴⁹ Na Declaração *Dominus Iesus*, publicada no ano 2000, pela Congregação da Doutrina e da Fé, tem-se uma nítida preocupação por parte do então secretário, cardeal Ratzinger, em estabelecer a distinção entre fé teologal e crenças (DI 7), bem como a negação do pluralismo religioso de princípios. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA E A FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Paulinas, 2000.

¹⁵⁰ Segundo o autor, o ano de 1992 fora muito significativo para toda a América Latina, não tão somente porque ocorreram as celebrações oficiais dos 500 anos da conquista, mas sobretudo porque ocorreu em Quito/Equador a 1ª Assembleia do Povo de Deus. E como desdobramento desse momento, explicitou-se claramente a consciência de que o povo de Deus são muitos povos e a necessidade da prática de um novo ecumenismo para abraçar com muito mais braços e muitos mais orações o Deus único e maior.

¹⁵¹ TEIXEIRA, F. *O desafio do Pluralismo religioso para a Teologia Latino-americana*. Disponível em: www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/96.doc. Acessado 18/11/2012.

local. Mediante a isso, têm-se disponibilizado aulas de língua portuguesa para os estrangeiros. Da mesma forma, momentos recreativos como noites culturais, almoços comunitários e torneios de futebol são práticas recorrentes no trabalho de acompanhamento à assistência. A missa da mobilidade humana, celebrada sempre no terceiro domingo de cada mês, é um momento forte de aproximar a temática da realidade litúrgica da comunidade, ou seja, busca-se celebrar fé e vida. Cabe ressaltar o importante papel que a pastoral da Mobilidade Humana vem desenvolvendo, seja possibilitando o encontro das diferentes culturas, seja discutindo com os órgãos governamentais a fim de construir Políticas Públicas para o “bem viver” da comunidade local.

Outro aspecto a ser salientado é a necessidade de criar um diálogo ecumênico e ações conjuntas. O trabalho de visita aos navios é uma dessas iniciativas. A ação é realizada com os membros da Igreja de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Neste caso, é importante reconhecer que a vivência comunitária da fé possibilita a fraternidade ecumênica, desenvolvendo o espírito da caridade e da cooperação. Outra questão que não pode ser preterida é o diálogo inter-religioso, já que há na Cidade de Rio Grande há migrantes de outras tradições religiosas.

O Papa Francisco, na Encíclica *Evangelii Gaudium*, afirma que “a diversidade é bela, quando aceita entrar constantemente num processo de reconciliação até selar uma espécie de pacto cultural que faça surgir uma diversidade reconciliada”¹⁵².

Sobre isso, aborda as relações entre o “todo” e as “partes”, propondo o “poliedro” como modelo, ao invés da esfera, pois, segundo ele, o primeiro “reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade, onde cada cultura conserva sua peculiaridade”¹⁵³; uma atitude de relevância, onde uma não se julgue superior a outra e que identifique as relações simbólicas presentes na análise social, na reflexão teológica, na práxis engajada e resultem em ações planejadas e orgânicas. Não se trata apenas de uma mera tolerância ao diferente, mas de um princípio de acolhimento sincero, que tem a sua gênese na tradição judaico-cristã: “eu era peregrino e me acolheste”.

Diante do horizonte que se descortinou com a possibilidade de repensar as identidades na diversidade, foi apresentado o fenômeno urbano no primeiro capítulo e seu desdobramento no capítulo posterior. Caberá agora apontar perspectivas a partir da Sagrada

¹⁵² DCE, n. 230.

¹⁵³ DCE, n. 236.

Escritura e da Teologia, com vistas a compreender a cidade numa perspectiva de acolhida e pertencimento.

3 A CIDADE COMO ESPAÇO DE ACOLHIDA: PERSPECTIVA BÍBLICO-TEOLÓGICA

O fluxo de pessoas e mercadorias é uma das características da globalização. Trata-se de um fenômeno antigo tanto quanto a própria mundialização dos grandes impérios ¹⁵⁴, mas que de tempos em tempos atravessa os espaços religiosos, culturais e políticos. Hoje, com o uso das novas tecnologias da informação, têm-se intensificado os processos de mobilidade no que tange à transnacionalização do capital e à desterritorialização das culturas ¹⁵⁵. Certamente, tal postura não deixa incólumes as comunidades locais, exigindo destas um diálogo por meio de redes globais. Afirma Hall: “Quanto mais a vida social se torna medida pelo mercado global de estilo [...] mais as identidades se tornam desvinculadas - desalojadas de tempo, lugares, História e tradições específicos e parecem flutuar livremente” ¹⁵⁶.

Dentro do processo de globalização, a mobilidade humana constitui um dos principais vetores que colocam questões referentes à relação entre o local e o global, o identitário e o diferente:

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentramento do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentramento dos indivíduos tanto de lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo - constitui uma “crise de identidade” ¹⁵⁷.

Por ser tratar de um fenômeno altamente complexo, seja por suas implicações políticas, econômicas, culturais e religiosas, é importante que a Teologia possa dar um contributo à construção de uma sociedade mais justa, à luz do horizonte escatológico da Jerusalém celeste. Mediante os desafios colocados, João Paulo II, na *Exortação Ecclesia in America*, recorda:

Evangelizar a cultura urbana constitui um formidável desafio para a Igreja, que como durante séculos soube evangelizar a cultura rural, da mesma forma é também chamada a levar a cabo uma evangelização urbana metódica e capilar ¹⁵⁸.

¹⁵⁴ Para um melhor entendimento dessa discussão, recomenda-se: MORIN, E. & WULF, C. *Planeta: A aventura desconhecida*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

¹⁵⁵ Sobre essa temática, ler: GIDDEN, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 22-23.

¹⁵⁶ HALL, S. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. p. 75.

¹⁵⁷ HALL, S. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. p. 9.

¹⁵⁸ EA, n. 21.

A mobilidade humana, por muito tempo, foi uma temática restrita ao âmbito sociológico. Desconfianças recíprocas impossibilitaram um entendimento mais amplo desta que é uma das questões latentes na atualidade. Os teólogos, imersos em questões especulativas, não dispunham de métodos de análise social. Os sociólogos, por sua vez, numa esteira positivista, desconsideravam a capacidade pública da Teologia de tratar tais problemáticas. Superadas as divergências teóricas, a mobilidade tornou-se um tema teológico por excelência, além de constituir-se em uma chave de leitura para compreensão da Sagrada Escritura, desde a expulsão de Adão e Eva do paraíso (Gn 3, 23-24) até a Jerusalém celeste. A partir disso, temas mais abrangentes como a diáspora, as questões agrárias, o exílio e a mobilidade foram amplamente tematizados pelos autores bíblicos.

O contingente de pessoas que chegam à Cidade de Rio Grande certamente tem mudado a fisionomia da região e da Igreja local. Tomando em consideração as estruturas já existentes, como ser uma comunidade aberta e acolhedora que saiba construir novas relações significativas em espaços conflituos e plurais? Diante disso, a pergunta de Deus a Caim torna-se oportuna: “Onde está o teu irmão”? (Gn 4,9).

3.1 Um olhar teológico para a Cidade

A tradição bíblica promove uma reflexão crítica sobre o fenômeno social da cidade. Um aspecto muito emblemático é a figura de Caim como primeiro construtor de cidade, a qual deu o nome de Henoc (Gn 4,17). A cidade cresce e se estabelece a partir de uma nova configuração social do trabalho, que resultou na implementação de mão de obra especializada e de tecnologia (Gn 4, 22).

Aqui, advém um problema que será exposto nos capítulos subsequentes da Sagrada Escritura: o desejo de construir a cidade, visando à expansão e ao domínio territorial. Dessa forma, se estabelece uma visão meramente predatória e expansionista: “Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro potentado sobre a terra. Foi um valente caçador diante de *Iahweh*. Os sustentáculos de seu império foram Babel, Arac, Acac, e Calane, cidades que estão todas na terra de Senaar” (Gn 10, 8-10).

Narram os textos bíblicos que as cidades gradativamente foram se transformando em lugares de armazenamento de grãos (Gn 23, 15-18), distribuição de alimentos e também centro de tributação (Gn 41, 35-46). Fato curioso foi a construção de uma torre em Babel (Gn 4,17), como um auspicioso projeto societário, que depois deu origem à Babilônia, expressando a ambivalência sócio-cultural-religiosa de sua época.

O espaço urbano é dilacerado por contradições, mas ao mesmo tempo é o lugar no qual a humanidade é convidada a participar: “procurai a paz da cidade, para onde eu vos deportei” (Jr 29,7). A visão da Jerusalém celeste do livro de Apocalipse, texto escrito durante o período da perseguição, reflete os sofrimentos, mas também a promessa final. Jerusalém tem uma importância redentora na história de Israel. Ela é apresentada como modelo urbano de sociedade, demonstrando ao mundo a Aliança de *Iahweh* com o seu povo.

Por ironia, o Livro de Jonas anuncia uma mudança paradigmática. Jonas é enviado para uma grande e cosmopolita cidade da época: Nínive. Esta passagem do movimento nacionalista para uma perspectiva mais ampla tem o seu auge no exílio de Israel, na Babilônia. Nessa experiência desoladora e de releitura de sua história, Israel tornou-se uma comunidade contra-cultural dentro de outras nações, permanecendo como um grupo étnico cosmopolita nas mais diferentes cidades e países, convertendo-se em um fenômeno diaspórico e itinerante que posteriormente foi incorporado pelo cristianismo.

Fato similar é narrado nos Atos dos Apóstolos, na casa de Cornélio, quando Pedro discursa: “Dou-me conta, em verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável” (At 10, 35)! No caso, houve uma ruptura sistemática entre uma visão muito estrita de salvação e as situações que foram se apresentando, exigindo abertura, revisão de conceitos e acolhimento “ao diferente”.

É interessante relembrar o episódio “Priscila e Áquila”, um casal de migrantes que foi acolhido nas comunidades de Corinto e Éfeso, onde se tornam membros ativos (I Cor 16, 19; 2 Tm 4, 19; Rm 16, 3), o que demonstra que nem sempre a migração é símbolo de medo, insegurança e violência, podendo ser ocasião de testemunho e anúncio do Evangelho. Outro fato curioso se dá na Epístola a Filemon, onde é abordado o problema de um escravo chamado Onésio. Em Roma, ele se converte e retorna à Ásia, onde passou a integrar a Igreja local. Afirma Paulo de Tarso: “Talvez ele tenha sido retirado de ti por um pouco de tempo, a fim de que o recuperasse para sempre, não mais como escravo, como irmão amado” (Fl 1,15-16).

O cristianismo certamente não teria se tornado uma religião global se não fosse as inúmeras viagens missionárias de Paulo, fato que confirma as pretensões universalistas de um lado, e de formação de pequenas comunidades, por outro. A fé cristã, ao seu tempo, soube conjugar dialeticamente o local e o global, tornando-se uma religião de peregrinos, que fazem da vida um êxodo constante, caminho para a chegada a Jerusalém celeste.

3.2 A perspectiva bíblica

A história do povo de Israel é fruto de múltiplas e difíceis experiências ancoradas em um evento genuíno: um Deus pessoal que intervém na história humana, que se faz caminheiro e peregrino nas vicissitudes e contingências da vida.

As narrativas, as memórias e a esperança em um Deus libertador plasmaram a identidade de um povo. Assim fala Moisés: “como se poderá saber que encontramos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não será pelo fato de iremos conosco? Assim, seremos distintos, eu e o teu povo, de todos os povos da face da terra” (Ex 33,16). Esse projeto está ancorado em uma ética pessoal e comunitária que tem nos patriarcas, no Egito e no exílio da Babilônia a sua inspiração.

Cabe ressaltar que essas considerações não podem estar desvinculadas do problema agrário da época, sendo a terra a chave teológica para o entendimento da mobilidade: “a terra não será vendida perpetuamente, pois a terra me pertence e vós sois para mim estrangeiro e hóspede” (Lv 25,23). Foi nesse horizonte que se deu a vocação dos patriarcas:

A terra remete à história, à pertença a um determinado povo, à partilha de uma peregrinação nas vias de um único destino. Ela é apreciada como dom, oferecida como possibilidade de vida, de segurança, de felicidade e, porque a terra pertence a Deus, Ele a doa ao seu povo e Israel é um povo que se sente a caminho por causa de uma promessa, vive com a certeza de que estará a caminho de uma terra jamais possuída, mas sempre prometida ¹⁵⁹.

A figura de Abraão é paradigmática, porque revela um projeto societário arrojado ¹⁶⁰ e um novo estilo pessoal de viver. Duas razões podem ser apontadas: primeiro, não está atrelado à terra e aos costumes particulares e, segundo, enfrenta o desafio da itinerância com coragem e fé na promessa de um Deus peregrino: “Sai da tua terra, da tua parentela e deixa a casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12,1). Sua estrangeiridade ¹⁶¹, sem dúvida alguma, coloca em evidência outra proposta de organização social, o que pode ser benéfico

¹⁵⁹ CANDANTEN, A. *Povo a caminho*. p.121.

¹⁶⁰ Em Abraão, encontra-se o paradigma do *paraikos*, migrante com tamanha intensidade que, em um tempo histórico no qual o nomadismo era o modo de vida e de subsistência, a ele é imposto um caráter singular de itinerância. Nas ocorrências bíblicas que o mencionam, Abraão é, ao mesmo tempo, o iniciador de um estilo de migração que fará escola e terá descendência, visto que suas andanças haurem de *Iahweh*, não só a inspiração, mas também o método e o escopo. FÄRBER, S. *Paraikos como metáfora sobre a provisoriedade da vida*. p.31.

¹⁶¹ “No Deuteronomio, é frequente o uso de termo *ger* para designar as pessoas miseráveis, como o órfão, a viúva, o levita, o pobre, o escravo, o assalariado e o estrangeiro. Abraão, depois da morte de Sara, pede aos heteus a propriedade de um sepulcro para poder enterrá-la e se apresenta como *gerwetôâb*, os estrangeiros e residentes temporários (Gn 23, 4)” CANDANTEN, A. *Povo a caminho*. p. 56-57.

para relativizar os fundamentalismos culturais, políticos e religiosos, sobretudo, hoje, no espaço urbano.

Retomando a questão agrária, é importante entender que essa radicalidade não se deu somente na saída da própria terra, mas no abandono das próprias seguranças de acampamento a acampamento (Gn 13,3). Aconteceu que não havia terra suficiente (Gn 1,6) e, para evitar possíveis conflitos, Abraão convidou Ló a fazer a distribuição da propriedade: “toda a terra está diante de ti? Peço-te que te apartes de mim. Se tomares à esquerda, irei para a direita, se tomares a direita, irei para a esquerda” (Gn 13,9). O fato de deixar o outro escolher a melhor parte ¹⁶² é revelador de uma atitude nobre que é vista com bons olhos por *Iahweh*: “Ergue os olhos [...] toda a terra que vês, eu te darei, a ti, à tua posteridade para sempre” (Gn13, 14-15).

Ao lado da temática da terra, é necessário tecer algumas considerações sobre o Egito. Esse evento se constituiu em um arquétipo, que de um lado coloca os poderes estabelecidos dos impérios da época e, de outro, reinterpreta os acontecimentos à luz da experiência de *Iahweh*. Oséias vê nesses acontecimentos o início da trajetória de um povo (Os 2,16-17; 11, 1-4), “no deserto, se pode falar a *Iahweh* com um culto pobre, que a condição do migrante impõe, mas sincero porque está livre de qualquer ligação que aprisiona às suas coisas” ¹⁶³. Esse tema serve como amálgama para a compreensão de sua relação com Deus, com sua história e, sobretudo, com outros povos.

Para narrar tais acontecimentos, o livro do Êxodo (Ex 3,7-10; Dt 26,5-10) fala da pedagogia de *Iahweh*, que vê a miséria, ouve o clamor e por isso desce para libertar. Tal postura é oposta a atitude dos ídolos que, tendo olhos, não veem, tendo ouvidos, não ouvem e por isso permanecem indiferentes. Esta foi a grande intuição: um Deus atento às angústias, esperanças e aspirações humanas e que, junto a Moisés, desce para liberar.

Com isso, Israel é chamado a estar aberto à novidade de Deus, o que não é tão simples, mas que exigiu um processo constante de conversão. Essa ousadia não se deu sem inúmeras tensões internas. Houve murmúrios pelas “cebolos do Egito” e a busca pelo triunfalismo que resultou na fabricação de deuses falsos, e por isso diziam: “Vamos, faz-nos

¹⁶² Lot, ao contrário, por sua mesquinhez e pelo desejo desenfreado de acumular mais terra, herda também inúmeras contradições, sua mulher transforma-se em uma estátua de sal. (Gn 19,26).

¹⁶³ CANDANTEN, A. *Povo a caminho*. p. 128.

um deus que vá à nossa frente, porque a esse que Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu” (Ex 32,1).

No livro do Êxodo, capítulo 25, versículos 10 e seguintes, narra-se a construção de uma tenda para ser o local da morada de *Iahweh*. Tal empreendimento tinha por finalidade dois aspectos: primeiro, a mobilidade, devendo ser portátil para percorrer as várias tribos e, segundo, a participação do povo na construção do sagrado.

À medida que Israel foi se estruturando, especialmente a partir de Davi-Salomão, foram-se estabelecendo, também, dois projetos societários: de um lado, o “Deus da tenda” e de outro, o “Deus do templo”, o que abriu um precedente para outros conflitos.

O Deus da tenda ¹⁶⁴ foi rapidamente cooptado pela lógica do império, incorporando os modelos societários de povos circunvizinhos. A opressão não se deu somente de forma externa, mas fora promovida e levada a cabo pela própria monarquia israelita ¹⁶⁵.

O projeto do Deus peregrino e libertador foi substituído pelo luxo, pela opulência e pelo esplendor. O desdobramento dessa visão incorporou o sacrifício à religião, escamoteando as relações sociais de poder. A partir disso, legitima-se a exploração através das altas cargas tributárias impostas aos camponeses, o trabalho obrigatório e o sangue de animais. É nesse contexto dramático que se acirram as disputas entre campo e cidade.

Opondo-se à monarquia, os profetas fazem a releitura da experiência de opressão vivida no Egito. De forma enfática, afirmam: “lembra-te que foste escravo no Egito”. Essas palavras soaram dissonantes em meio a alguns segmentos economicamente privilegiados, que acostumados ao poder, já haviam se esquecido de sua trajetória de escravidão e libertação, e como já estavam muito longe daquele horizonte, impunham impostos abusivos à grande parte da população. Frente a isso, os profetas tornam-se porta-vozes de Deus, buscando justamente recapitular a experiência do Deus peregrino que faz história com seu povo. Olhando para os acontecimentos de outrora, o profeta reelabora o presente e projeta o futuro.

E porque se chegou a tal situação? Onde está a experiência originária tribal? Por que *Iahweh* não se deixa aprisionar na construção de um templo ¹⁶⁶?

¹⁶⁴ “A inerência dos nômades e transumância dos pastores, torna-se um modo de ser: vida como caminho, como abertura ao novo, como espera do diferente, como despojamento das coisas e, sobretudo, de liberdade interior. Sob o ponto de vista social, a tenda era ao lugar onde se realizava de forma eminente a coesão do grupo e a acolhida do hóspede”. CANDATEN, A. *Povo a caminho*. p 129.

¹⁶⁵ Estas tensões estão muito bem descritas no texto de 2 Sm 7.

Iahweh, no Primeiro Testamento, é apresentado como senhor absoluto, única origem do mundo. Ele não se deixa aprisionar ou conceituar-se.¹⁶⁷ Ele está fora do alcance do homem, por isso seu nome não pode ser pronunciado. Se, de um lado, Ele é totalmente transcendente, de outro, se mostra desejoso de se relacionar com os seus. Essa dialética entre o Deus que vela e desvela e que, ao mesmo tempo, é distante e próximo, está na gênese da cultura semítica.

A presença de Deus, no meio do seu povo, se dá por meio de sua Palavra,¹⁶⁸ de seu Espírito e de sua Sabedoria:

Palavra, sabedoria e Espírito são ‘meios de revelação’ nos quais Deus se manifesta a seu povo e se torna experimentável, sendo que, em cada caso, pode ser observado que esses ‘meios de revelação’ também podem ser vistos como realidades próprias (naturalmente jamais separadas de Deus)¹⁶⁹.

3.2.1 Itinerância e hospitalidade

O contexto da história do povo de Israel tem a sua gênese na hospitalidade, constituindo-se em um valor à cultura semita. Aqui, decorreram um conjunto de prescrições e condutas que aos poucos foram sendo sistematizadas. Olhando para trás e resgatando a memória dos acontecimentos de seus antepassados, o povo de Israel construiu uma ética da solidariedade e da compaixão, como afirma o livro do Êxodo: “Não afligirás o estrangeiro nem o oprimido, pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito” (Ex 22,20). Tais advertências eram constantes: “Não oprimirás o estrangeiros no Egito” (Ex 23,9). E ainda: “Recorda-te que foste escravo na terra do Egito. É por isso que eu te ordeno agir deste modo” (Dt 24,22). “O estrangeiro que habita convosco será para vós como um compatriota, e tu o amarás como a ti mesmo” (Lv 19,34). Este código de ética para com o estrangeiro foi sustentado por um princípio teológico, que teve sua origem na experiência histórica de Israel como escravo no Egito. Tal concepção subjaz todo o Primeiro Testamento.

¹⁶⁶ Ele faz objeção à construção do templo, porque representa a recusa fundamental da religião estática, de habitar num espaço fixo. Ele quer continuar a ser o Deus da tenda, que sempre caminhou com Israel, livre para ir e vir com o seu Deus e partilhar as suas condições precárias.

¹⁶⁷ A convicção da presença de Deus junto ao povo é uma das fortes características da religiosidade de Israel. *Iahweh* reside em meio ao seu povo, sem perder com isso a sua absoluta transcendência.

¹⁶⁸ “(...) o conceito de Palavra na tradição semita denota um duplo sentido: (a) noética e informativa (b) dinâmica e performativa”. LIBÂNIO, J.B. *Teologia da Revelação*. p. 159.

¹⁶⁹ WERBICK, J. *Doutrina da Trindade*. p. 432.

Esta compreensão foi se estabelecendo em meio aos inúmeros acontecimentos, o mais emblemático e significativo talvez seja a acolhida de Abraão junto ao carvalho de Mambré (Gn 18,1-8), quando este recebe três forasteiros como mensageiros de Deus. Como recompensa à acolhida, sua esposa Sara, que era estéril, deu a luz a um filho. Tal perspectiva será retomada pelos cristãos, especialmente na Carta aos Hebreus, quando se afirma: “Não vos esqueçais da hospitalidade, pois graças a ela alguns, sem saber, acolheram anjos” (Hb 13,2).

As tragédias e os conflitos que se sucederam ao longo da trajetória do povo de Israel levaram-no a um novo entendimento e sensibilidade. Vivendo em condições adversas, a hospitalidade adquiriu um estatuto jurídico e religioso em vista da defesa e preservação da vida. As experiências limites vividas no Egito ajudaram a formular leis que visavam erradicar a exploração do estrangeiro, propondo um novo estilo de convivência.

A Bíblia, enquanto livro da mobilidade humana ¹⁷⁰, revela os diferentes contextos migratórios, onde nem sempre há unanimidade; ao contrário, há posições reticentes e até disposições rigorosas e duras, como as descritas no livro de Esdras, capítulo 10, versículo 2.

Os Evangelhos, por sua vez, não ocultam tal realidade, mostrando o quanto Jesus ¹⁷¹ e seus discípulos viveram a itinerância na radicalidade e, por isso, aceitavam depender da acolhida e hospitalidade ¹⁷². Segundo o Evangelho de Mateus, este é um dos critérios para acolher Jesus: “era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25,35).

3.2.2 Jesus e a itinerância

Os textos bíblicos não deixam dúvida acerca da importância e pertinência que o tema da mobilidade humana goza na tradição judaico-cristã. Essa trajetória que teve início com os patriarcas culmina em Jesus de Nazaré, o peregrino, que por contingências históricas e teológicas migrou desde o seio da Trindade e, após sua encarnação, andou de cidade em

¹⁷⁰ Quanto ao tempo da migração, há inúmeros textos muito significativos. A peregrinação de Caim (Gn 4, 12-16), a dispersão em massa após o episódio da torre de Babel (Gn 11, 8-9), a escravidão de José (Gn 30,36), os exílios na Assíria Babilônia (2 Rs 17, 5-23; 2Rs 25).

¹⁷¹ No prólogo do Evangelho de João, lê-se: “o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós” (1,1), o que denota que o Deus que armou sua tenda em meio ao seu povo novamente quer fixar sua morada em meio à humanidade para conduzir todos à salvação.

¹⁷² A hospitalidade é também retratada em inúmeros episódios. Jesus vai à casa de Lázaro, Marta e Maria, Pedro, Zaquê e outros tantos.

cidade, a começar pelo recenseamento em Belém (Lc 2,7), terminando com a fuga para o Egito, a fim de fugir do extermínio promovido por Herodes. Trata-se de uma nítida releitura do Êxodo. Jesus é apresentado como o novo Moisés, que escapa da fúria e do extermínio genocida do faraó contra toda criança hebreia do sexo masculino (Ex 1,15-27).

Na encarnação do Verbo, Jesus é apresentado como protótipo de peregrino, *paroikoi*, isto é, aquele que vive longe de sua casa, pátria, fora de seu território:

[...] como “Filho migrante de Deus”, aquele que em sua encarnação (Jo 1,14) atravessa a fronteira entre o mundo divino e o mundo humano, aquele que se identifica a tal ponto com a nossa humanidade que não se limita a aproximar-se do estrangeiro, mas transforma-se ele mesmo em estrangeiro (Jo 1,10-11; Mt 25,35)¹⁷³.

A vida pública de Jesus se deu em um momento histórico onde o templo de Jerusalém gozava de forte incidência social, política, econômica, cultural e religiosa. Sendo a sede do poder político e religioso, ali se centralizava a cobrança dos impostos e a burocracia religiosa.

Os Evangelhos sinóticos enfatizam uma clara ruptura de Jesus com o sistema vigente. Literalmente ele está na contramão de toda e qualquer perspectiva. O seu nascimento e morte são paradigmáticos, pois se dão na periferia, fora dos muros e da oficialidade, dando a entender que o Reino de Deus se dá onde não se espera.

Jesus tem uma missão muito clara, Ele deve “proclamar de cidade em cidade, sobretudo aos mais pobres, o alegre anúncio da realização das promessas e da Aliança feita por Deus, tal é a missão para qual Jesus se declara ter sido enviado pelo Pai”¹⁷⁴.

Incompreendido pelos seus familiares (Mc 13,22), que o consideravam fora de si, sua presença gerava admiração, pois falava como quem tem autoridade (Mt 1,22), mas ao mesmo tempo ocasionava escândalo aos seus conterrâneos (Mt 13,57), gerando perplexidade e desconforto: “[...] mas o filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Prova disto são os relatos do Evangelho de Marcos, que destaca os conflitos presentes na vida pública de Jesus. A rejeição e a marginalidade foram se aprofundando gradativamente a ponto de levá-lo à cruz. A morte é aqui entendida como consequência da missão profética e de sua

¹⁷³ CAMPESE, G. “*Não és mais estrangeira nem hóspede*”. A teologia das migrações no século XXI. <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/01/Artigo3.pdf>> Acessado em 27/08/2013.

¹⁷⁴ EN, n. 6.

opção pelo Reino ¹⁷⁵. Esse fenômeno não se deu apenas com Jesus, mas também com aqueles que o seguiam, exigindo destes o abandono às seguranças e ao conforto. A exemplo de Abraão, Jesus, em sua obstinação pelo Reino tornou-se um homem livre frente à condição familiar, cultural, religiosa e sociológica. Sua proposta é entendida como revolucionária, pois estabelece outros interlocutores como portadores da Boa Nova. Aqui, entende-se a indicação feita aos discípulos (Mt 9,10-13) para se dirigirem a outros povos e culturas; episódios como o da mulher cananéia (Mt 15, 21-28), do centurião romano e da samaritana (Jo 4, 4-30) ilustram o quanto Jesus foi capaz de transpor os limites estreitos da cultura de sua época.

Jesus, inúmeras vezes, demonstrou hospitalidade para com os marginalizados e excluídos, a partir de gestos de comensalidade com os pecadores ¹⁷⁶ e de preocupação com os que estão fora da lei ¹⁷⁷. Tais questões instigaram, no mínimo, reflexões polêmicas. Sobre isso, um dos textos mais elucidativos é a parábola do Samaritano (Lc 10,25-37), um *paroikio* que mostra misericórdia e solidariedade para com um viajero caído pelo caminho. Dessa forma, o Samaritano torna-se modelo de um coração acolhedor, tal qual é o coração de Deus.

¹⁷⁵ François Varone, na sua obra *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, especifica a morte de Jesus como consequência de sua missão profética. Segundo o autor, Jesus morre como um fracassado, mas, para além do fracasso, é preciso descobrir o valor salvífico e universal de sua morte; através da teoria da satisfação, é preciso reconhecer que Jesus tornou-se o misterioso servo de Deus de Isaías, não por substituição e compensação formal, mas antes pelo investimento concreto de sua prática a serviço da libertação dos oprimidos.

Neste sentido, é feita uma análise da linguagem do sacrifício: a vontade de Jesus foi de fazer da vida humana, com sua fraqueza, seus sofrimentos e enfim sua morte, um caminho para a vida, para a consumação, para a perfeição. A prova disso foi a Ressurreição: é nesse acontecimento que o julgamento de Deus aparece enfim em toda a plenitude de sua ação em favor do ser humano. Portanto, na revelação acontece o processo fundamental pelo qual Deus salva em Jesus Cristo. Na troca compensatória, o valor é o sofrimento; na revelação, o sentido é a libertação do desejo do ser humano.

Jesus não procurava sofrer, mas viver uma prática positiva, mesmo se devesse sofrer cruelmente por causa dela não devia nem queria sofrer em nosso lugar, mas investir sua vida até o fim para libertar nosso desejo e nos salvar. O sofrimento foi para Jesus a ocasião de revelar o amor que tem para conosco e, para nós, a possibilidade desconcertante de reconhecê-lo. Assim a direção da fé está centrada no sacrifício do Cristo e isso quer dizer na prática histórica levada até a morte e desembocando na Ressurreição, prática em que Deus inaugurou e revelou a finalidade infinita da existência humana.

¹⁷⁵ Tem-se aqui o chamado de Mateus. Jesus vai à casa deste cobrador de impostos, o que gerou estranheza por parte de um grupo legalista. Com isso, a comunidade mateana ensina que a vida cristã é amor e misericórdia a partir da casa, e não da Lei. Por isso, o Evangelho de Mateus é tão enfático ao citar o profeta Oséias 6,6: “quero misericórdia e não sacrifício”. VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Editora Santuário, 2001.

¹⁷⁶ Tem-se aqui o chamado de Mateus (Mt 9, 9-13). Jesus vai à casa deste cobrador de impostos, o que gerou estranheza por parte de um grupo legalista. Com isso, a comunidade mateana ensina que a vida cristã é amor e misericórdia a partir da casa, e não da Lei. Por isso, o Evangelho de Mateus é tão enfático ao citar o profeta Oséias 6,6: “quero misericórdia e não sacrifício”.

¹⁷⁷ Neste episódio (Mt 8, 1-14), tem-se a ação de Jesus em três situações: o leproso (2-4); o centurião romano (5-13) e, por fim, uma mulher com febre (14-15).

Assim como foi para Abraão, a itinerância é abertura ao novo, é condição para aquele que deseja segui-lo: “pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá, mas o que perde sua vida por causa de mim, a encontrará” (Mt 16, 25). Jesus desafia os seus discípulos a criar novas relações sociais, não mais baseadas em *status* e privilégios, mas na esperança escatológica do reinado de Deus.

A experiência do Deus que desce para libertar é radicalizada pelo cristianismo no mistério da Encarnação. Definitivamente, Ele decidiu “armar sua tenda em meio ao seu povo”. Caminhando no chão da história, abdicou de toda e qualquer honraria (Fl 2,1-11) e por isso Deus o exaltou. Este texto da carta aos Filipenses revela um paradoxo da mística cristã: Deus entra na história humana por livre e gratuita iniciativa, porque é desejoso de estabelecer uma relação de amor, sendo assim, se solidariza com os desvalidos e fracos, pois são nas vicissitudes e contradições da história humana que Deus se revela como esperança. De acordo com Vattimo, “a mensagem cristã fala de um Deus que se encarna, se abaixa e confunde todas as potências deste mundo”¹⁷⁸. A *Kênosis* de Jesus é o marco radical da solidariedade com aqueles que sofrem aqui está o caráter paradoxal de um Deus que sendo totalmente transcendente abdica de toda honraria para melhor se comunicar.

A grande novidade do cristianismo consiste em dizer que “Deus é amor” (1 Jo 4, 16) e que Ele tomou a iniciativa de amar: “não fomos nós que amamos a Deus, mas Ele quem nos amou primeiro” (1 Jo, 4, 1- 9). Sendo assim, o ato de existir é, na prática, uma resposta a esse “amor primeiro,” e isto se direciona a dois focos: o amor a Deus e o amor ao próximo. Essa necessidade de amar não é inspirada por critérios de simpatia ou de afinidade, mas pelo exemplo do próprio Deus, que nos amou primeiro: “Eu vos dou um mandamento novo, amai-vos uns aos outros como eu vos ameí” (Jo 13, 34).

Junto ao tema da hospitalidade, é importante perceber o quanto a dinâmica do encontro revela a abertura de Jesus ao “Outro” para além das fronteiras culturais e religiosas. Primeiramente, o encontro com a samaritana (Jo 4, 4-30) estabelece uma relação dialogal e de profunda descoberta de um sentido existencial jamais encontrado. Cresce, então, a consciência da pertença a Cristo, em razão da gratuidade e da alegria que produz, aumenta também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro: “já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (Jo 4, 42).

¹⁷⁸ VATTIMO, G. *Depois da Cristandade*. p. 101.

Este evento constitui-se como um dos mais belos encontros salvíficos registrados na Sagrada Escritura, assim como o caminho dos discípulos para Emaús (Lc 24, 13-35). Neste episódio, constata-se uma profunda “crise existencial”, a ponto de não reconhecerem, a priori, Jesus no caminho. A falta de explicações para tudo o que viera a acontecer e a tristeza decepcionante diante dos fatos não permitiram alargar os horizontes e abrir novas perspectivas de futuro. Foi no diálogo acolhedor com Jesus que novos horizontes se abriram.

Assim como nos textos acima mencionados, outros poderão ser encontrados sem maiores dificuldades. A liturgia do 28º Domingo do Tempo Comum (ano C) traz o tema da *estrangeiridade* e gratidão. Na leitura do Livro de Reis, capítulo 5, versículos de 14-17, é narrada a cura de um general Sírio por parte de Eliseu que, em troca, leva consigo para a Síria um saco de terra, para lá adorar o Deus de Israel. O mesmo ocorre na narrativa da cura dos dez leprosos,¹⁷⁹ dos quais apenas um voltou para agradecer, e esse era um estrangeiro - um samaritano.

3.3 A comunidade dos seguidores de Jesus: uma comunidade urbana e itinerante

Para designar a relação fraterna entre os indivíduos, o Segundo Testamento emprega a palavra *Koinonia*, que é traduzida por Comunhão. As primeiras comunidades cristãs eram reconhecidas pela relação fraterna das pessoas entre si, o que se remontava do termo helenístico *koinós* (comum) ou *koinein* (colocar em comum)¹⁸⁰.

Com o cristianismo, aprofunda-se o conceito de *ekklesia*, que poderia indicar assembleia ou comunidade; tal denominação serviu para indicar, nos primeiros tempos, o que hoje se denomina “comunidade cristã”, sendo que esses partilhavam tudo que tinham, como na comunidade descrita em Jerusalém. Lucas usa esse modelo utópico de comunidade cristã. Já em Atos, os sumários de vida primitiva e comunitária continham os traços da palavra apostólica, comunhão, fração do pão e a oração (At 2, 42).

Pela comunhão, a comunidade primitiva usava a *didaquê* (ensinamento), sendo a Catequese a pregação no lar ou nos templos. Insere-se, nesse contexto, a participação dos doze apóstolos, que formaram uma comunidade, sendo testemunhas diretas e autorizadas dos

¹⁷⁹ Lc 17, 11-19.

¹⁸⁰ IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983.

ensinamentos e atividades do Senhor. A partir dessa primeira célula apostólica, surgiu a Igreja.

As comunidades cristãs primitivas aceitavam a casa ¹⁸¹ como núcleo unificador, já que não havia locais para reuniões. Era a raiz hebraica que transparecia e a edificação da casa formava a célula religiosa.

Após a morte e ressurreição de Jesus, o grupo dos seus seguidores, animados pela presença viva do Espírito, saíram para difundir a Boa Nova, que chegou a outros povos e culturas.

O movimento de Jesus era formado, na sua grande maioria, por judeus, mas gradativamente essa realidade foi mudando. Helenistas, samaritanos, asiáticos e romanos aderiram à fé cristã. O grupo helenista logo assumiu uma atitude crítica em relação à lei e ao templo. Com a chegada dos não judeus, tem-se um novo desafio: esses devem ou não seguir as tradições e os costumes judaicos? Trata-se dos conflitos dos códigos culturais presentes em culturas mais abertas, como já fora mencionado no segundo capítulo.

A diversidade das comunidades cristãs primitivas revela que o cristianismo, desde a sua origem, surgiu como uma experiência plural e conflitiva. O que é extremamente elucidador para a compreensão da realidade da cidade de Rio Grande, a partir do advento do Polo Naval.

Na eclesiologia das primeiras comunidades cristãs, o Espírito Santo é uma presença constante, ele é o protagonista da evangelização, o dom dos tempos messiânicos (At 2,16). Esse Deus, que está atuando na edificação da Igreja e a constrói como obra sua, é, segundo Lucas, o Deus Criador, que pelos profetas e patriarcas havia se revelado e, no presente da Igreja nascente, assume um corpo para si em Jesus, o Cristo. É em Jesus que Deus se revela definitivamente. Nele se concretiza o cumprimento das promessas, a obra de Deus, a Igreja ¹⁸².

Ele capacita àqueles que o Filho envia (Lc 12,1-9). Por fim, derrama sobre os discípulos e a comunidade o Espírito Santo (At 2,1-11). A atuação do Espírito nas testemunhas de Jesus irrompe o tempo novo. Em comunidade, sob a guia do espírito de Jesus,

¹⁸¹ O ministério de Jesus se originou a partir da casa: Simão (Mc 1,29) e Levi (Mc 2,15). A nova comunidade ajudou a manter viva a prática de Jesus, buscando viver o ensinamento dos apóstolos, a fração do pão e o atendimento aos pobres.

¹⁸² Santo Irineu tinha uma visão muito dialética sobre a relação Espírito e Igreja. Ele afirmava: “Onde está a Igreja, lá está o Espírito de Deus; e onde está O Espírito de Deus, lá está a Igreja e toda a graça.” ADV. Haer. III, 24,1.

derramado em Pentecostes, as Igrejas atingem o maior grau da maturidade cristã: uma consciência eclesial missionária: “e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8b). O protagonismo das Igrejas primitivas, ao dilatar a visão eclesial para um maior pluralismo e criatividade, amplia, também, os horizontes das comunidades locais para uma forma de entendimento e organização distinta.

As primeiras comunidades cristãs, especialmente dos Atos dos Apóstolos (2, 42-47), revelam uma profunda simbiose entre fé e vida. Embora sendo esta uma visão ideal de comunidade, mais do que propriamente a realidade em si, é significativa a forma como se dá o engajamento entre a pertença comunitária e o compromisso social da fé:

O sentido comunitário, a igualdade e a fraternidade, a variedade de carismas, a organicidade estrutural, a responsabilidade pessoal, a historicidade, o cristocentrismo, a presença do Espírito, a *kénosis* (esvaziamento), a abertura ao Reino e o lugar privilegiado dos pobres na Igreja são traços essenciais da eclesiologia do Novo Testamento¹⁸³.

Tomando em consideração a trajetória acima narrada, compreende-se que a palavra caminho torna-se sempre um horizonte hermenêutico para interpretar a vida cristã: “comportai-vos com temor religioso, no tempo da vossa peregrinação” (1 Pd 1,17.) O próprio Jesus disse: “Eu sou o caminho” (Jo 14,6) e o cristianismo se apresenta inicialmente como caminho de Salvação. Conhecidos inicialmente como “Seguidores do Caminho”, foi apenas em Antioquia que receberam o nome de cristãos (At 11,26). Em alusão ao caminhar, a conversão de Paulo se dá no caminho de Damasco; o relato de Lucas – especialmente a partir do capítulo 9, que narra a viagem teológica para Jerusalém – compreende o caminho da salvação e, finalmente, a narração do episódio envolvendo os discípulos de Emaús é o texto mais emblemático (Lc 24,13-35).

A Igreja de Jerusalém, alicerçada em Pedro, Tiago e João, já não dava conta da complexidade urbana e do dinamismo cultural ao qual o cristianismo foi submetido. Essa limitação é compreensível por se tratar de uma comunidade majoritariamente judaica, que tinha muita dificuldade de conviver com outras tradições culturais. Embora de forma diversa, as grandes viagens de Paulo pelas principais rotas comerciais do Império Romano, formando pequenos núcleos nos principais centros urbanos da época, revelam uma consciência universal de missão. Esses pequenos núcleos gradativamente foram se transformando em lugar de

¹⁸³ LAURENT, B & REFOULÉ, F. *Iniciación a la Práctica de la Teología*. p. 66.

encontro e de vida fraterna. Este mesmo sentimento de fraternidade é narrado na Primeira Epístola de Pedro, escrita aos que viviam na diáspora como estrangeiro (1 Pd 1,1), demonstrando a profunda identificação entre os que sofrem por estarem em situação de exílio e perseguição e o ideal da comunidade cristã de se tornar lugar de abrigo, de proteção e de cidadania: “Pessoas que antes não se conheciam e que, em consequência de sua pobreza, seu desenraizamento ético e social, haviam se transformado na massa sem direitos e sem rosto, experimentam agora sua união como ‘Povo de Deus’”¹⁸⁴.

O fenômeno da diáspora, gerado por sucessivas perseguições, exigiu que os primeiros cristãos, oriundos da Palestina, readaptassem suas vidas e sua nova fé a novas culturas, etnias e geografia. A Igreja perseguida era alicerçada na presença libertadora de Deus: “a Palavra de Deus crescia e se multiplicava” (At 12,24):

A força da eclesiologia proclamada pela Epístola de Pedro reside no sentido de que os benefícios reais são ganhos em decorrência da pertença [...] ser membro de uma igreja [...], Igreja como sua casa, [...] a igreja a que a pessoa pertencia constituía o centro de sua vida¹⁸⁵.

Assim sendo, o pequeno movimento judaico do nazareno, nascido em torno do Templo de Jerusalém, não representava mais somente um movimento messiânico para hebreus, mas tornou-se aberto à universalidade¹⁸⁶: “Vós que outrora não éreis povo, mas agora sois o Povo de Deus” (1 Pd 2,10). A rápida difusão do cristianismo deu-se em meio ao contexto diaspórico a que fora submetido pelo choque cultural. O livro dos Atos dos Apóstolos confirma tal perspectiva: “e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, até os confins da terra” (At 1,8b) e o Concílio de Jerusalém corrobora a experiência de Pedro e Paulo (At 15, 6-21). A Igreja nascente se coloca numa relação de total abertura àqueles que desejam dela participar. É o que revela o episódio de Cornélio, o novo entendimento de Pedro aos gentios no livro dos Atos dos Apóstolos, a hospitalidade de Lídia a Paulo e tantos outros.

A Igreja primitiva, seguindo o exemplo de seus mestres, é chamada a viver a hospitalidade no cotidiano, pois ela é expressão concreta do amor. Jesus é o grande

¹⁸⁴ ROLOFF, J. *A Igreja do Novo Testamento*. p. 306.

¹⁸⁵ BROWN, E. *As Igrejas dos Apóstolos*. p. 100.

¹⁸⁶ No povo messiânico da primeira Aliança é constituído um novo povo, ao redor dos doze apóstolos. Ainda que as primícias sejam judaicas, no cristianismo, com o seu anúncio universal, esse conceito é ampliado, sendo agora formados por pessoas de todas as tribos, povos nações e línguas (Ap 5,9).

horizonte ético de como os cristãos devem tratar os outros. Isto está expresso no juízo final escatológico de Mateus 25, especialmente no cuidado para com o pobre, a viúva, o estrangeiro. Aqui, Jesus propõe a dimensão cristológica da hospitalidade: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt, 25,40). Cabe lembrar que o tema da hospitalidade não pode estar desvinculado do engajamento e da busca sincera pela justiça e distribuição de renda. Por isso, Lucas¹⁸⁷, no evangelho ao falar do início da vida pública de Jesus, faz menção ao profeta Isaías capítulo 61, versículos 1-2. Jesus é aquele que novamente vem “proclamar o ano da Graça do Senhor”¹⁸⁸.

As narrativas bíblicas servem de suporte para uma Teologia da mobilidade humana. Resta agora verificar como isso se articula na proposta trazida pelo Vaticano II.

3.4 Perspectiva teológica: a eclesiologia do Vaticano II

Jesus fundou uma comunidade com a tarefa de ser evangelizada e evangelizadora: “Aqueles que acolherem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o Reino”.¹⁸⁹ Por isso, Paulo VI afirmou que a missão da Igreja é evangelizar.¹⁹⁰ Tal ação não deve se dar sem que antes haja um profundo discernimento sobre a realidade. É preciso, à luz do Evangelho, identificar que o contexto urbano é ambíguo, pois nele há sinais de morte e de vida, conforme afirmam os bispos em Aparecida:

Contemplemos a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua Providência e a julguemos segundo Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, e atuemos a partir da Igreja, corpo

¹⁸⁷ Em Lc 4,18-19 tem-se o discurso programático de Jesus, “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”.

¹⁸⁸ Conforme Lv 25, o Ano da Graça era fixado a cada 50 anos, porém o ano sabático que se dava a cada 7 anos era o período de descanso da terra, de libertação dos escravos e do perdão das dívidas

¹⁸⁹ EN, n. 13.

¹⁹⁰ Essa é a tarefa e a missão da Igreja: “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa Ressurreição” (EN, n.14).

místico de Cristo e sacramento universal de salvação, na propagação do Reino de Deus, que se semeia nesta terra e que frutifica plenamente no Céu ¹⁹¹.

A Igreja, enquanto Povo de Deus ¹⁹² a caminho é peregrina com toda a humanidade

¹⁹³. Essa compreensão é apresentada na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*:

A Igreja é, em Cristo, como um Sacramento, isto é, o sinal da união íntima com Deus e da unidade do gênero humano [...] pois, aprouve a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse a santidade [...] A igreja é comunidade à imagem da Santíssima Trindade, é o povo congregado na “unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” ¹⁹⁴.

Ela é “[...] missionária por natureza, porque tem a sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai. Por isso, o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos” ¹⁹⁵. Vive no mundo como presença servidora, seguindo o caminho de Jesus pobre e humilde ¹⁹⁶. E, com isso, sofre também as vicissitudes e contradições históricas, o que implica muitas vezes reconhecer que nem sempre se tem uma resposta definitiva sobre todos os assuntos.

A consciência de ser Povo de Deus traz um novo entendimento de história e relação com um mundo. É um estar no mundo, sem estar subordinado a ele: “Não vos conformeis com esse mundo, mas transformai-vos, renovando a vossa mente, a fim de poderdes discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, agradável e perfeito” (Rm 2,12).

A concepção eclesiológica pré-conciliar tendia a identificar o Reino de Deus com a Igreja. O Concílio Vaticano II aclarou a questão afirmando que a Igreja é “Sacramento Universal de Salvação”. Segundo este conceito, não é a Igreja que define a missão, mas é a missão que define e reorienta a Igreja. O que equivale dizer que a missão é vida enquanto missão de Deus, e não ao contrário. A Igreja, enquanto “Sacramento Universal de Salvação”,

¹⁹¹ DAp, n.19

¹⁹² O conceito Povo de Deus aplicado à Igreja coloca um relevo à dignidade de todos (as) e da mesma forma pressupõe uma interpretação histórica da redenção. Uma coletividade pessoal: “vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9)

¹⁹³ LG, n. 1.

¹⁹⁴ LG, n. 4.

¹⁹⁵ DAp, n. 347.

¹⁹⁶ LG, n.8.

não está a serviço de si mesma, de forma autorreferente, mas a serviço do Reino de Deus. Ela é povo congregado na Trindade Santa, afirma Bento XVI na abertura da Conferência de Aparecida:

A Igreja cresce, não por proselitismo, mas por atração: ‘como Cristo atrai tudo para si com a força do amor’, a Igreja atrai quando vive em comunhão, pois os discípulos de Jesus serão reconhecidos se amarem uns aos outros como Ele nos amou (cf. Rm12, 4-13; Jo 13,34) ¹⁹⁷.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, lê-se: “A Igreja fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus” ¹⁹⁸. Isso rompe com uma visão muito restrita de eclesiologia e, ao mesmo tempo, integra o estudo da missão no conjunto da soteriologia, da cristologia e do mistério da Trindade.

A Igreja, a exemplo de seu mestre, é chamada constantemente a se aproximar de todas as realidades humanas, especialmente das mais sofridas. Gestos como o do Papa Francisco, em Lampedusa, têm apontado um horizonte que convida aos seus a serem mais humanos, sensíveis e misericordiosos, assim como Deus age, não colocando barreiras para amar: “a compaixão de uma pessoa se volta para o próximo; a misericórdia de Deus, porém, para todo ser vivo” (Eclo18,12). A comunidade dos seguidores de Jesus deverá levar a cabo este projeto: a vivência concreta da misericórdia e da solidariedade, com a consciência “de que pertencem a uma grande comunidade que nem o espaço nem o tempo podem limitar” ¹⁹⁹.

Sua índole escatológica ²⁰⁰ é o mistério da comunhão, que manifesta em todas as expressões e estruturas. Aqui, reside um dos traços mais inovadores do Concílio. A partir disso, fala-se Corpo de Cristo ²⁰¹ e Povo de Deus. Nesta eclesiologia ²⁰², o serviço e a participação de todos (as) se dá mediante a multiplicidade de carismas que se configuram na

¹⁹⁷ DAp, n. 159.

¹⁹⁸ EN, n. 15.

¹⁹⁹ EN, n. 61.

²⁰⁰ “[...] a Igreja é, por sua vez, enviada por Jesus, fica no mundo quando o Senhor da glória volta para o Pai. Ela fica aí como um sinal, a um tempo opaco e luminoso, de uma nova presença de Jesus, sacramento da sua partida e da sua permanência. Ela prolonga e continua-o” (EN, n. 15).

²⁰¹ A LG, n. 7, fala da Igreja como Corpo de Cristo. Esta imagem possibilita compreender a Igreja como um organismo vivo, que articula todos os seus membros.

²⁰² Chamados a viver a vocação à santidade batismal a serviço do reino, cada um naquilo que lhe é específico (DAp, 184), deve responder com afinco aos “grandes desafios que o mundo de hoje apresenta à Igreja” (DAp, 185).

variedade dos ministérios e serviços ²⁰³. No coração desse modelo está o mistério da Trindade, da comunidade de amor ou, como diria Bruno Forte, “Igreja: ícone da Trindade”. Por essa razão, todos (as) são chamados (as) a viver a comunhão que se dá por meio da pertença a uma comunidade ²⁰⁴ concreta. “[...] uma adesão, que não pode permanecer abstrata, desencarnada, manifesta-se concretamente por uma entrada visível numa comunidade de fiéis” ²⁰⁵. Dessa forma, a vida comunitária se constitui um verdadeiro desafio pastoral, no sentido de superar o traço cultural do individualismo.

Segundo o Documento de Aparecida, a comunhão se dá através do encontro pessoal e comunitário com Cristo, que se desdobra na celebração dos sacramentos e na vivência concreta da solidariedade. Desta forma, a comunhão na fé (*ortodoxia*) não está desvinculada da comunhão de vida fraterna e da prática da justiça (*ortopraxis*), pois a Igreja é “convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres diante das ‘intoleráveis desigualdades sociais e econômicas’, que clamam ao céu” ²⁰⁶.

Num mundo atravessado pelos excessos ²⁰⁷ e contrastes, gerados pela globalização, a Teologia Cristã deverá estabelecer redes, a fim de buscar uma visão mais global e alternativa. Trata-se de aprofundar o sentido da catolicidade ²⁰⁸, que se expressa na hospitalidade cristã. Esta abertura se torna realidade quando se segue o exemplo de Jesus e se busca reconhecer os centuriões romanos e as mulheres cananeias de hoje:

Catolicidade não se expressa apenas na comunhão fraterna dos batizados, mas, sobretudo, na hospitalidade estendida para o estrangeiro, qualquer que seja sua crença religiosa, na rejeição de toda exclusão ou discriminação racial, no reconhecimento da dignidade pessoal de cada homem e mulher.

²⁰³ O Documento de Aparecida, desdobrando o que fora tematizado no Concílio Vaticano II, dedica um de seus capítulos. “A Comunhão dos discípulos missionários na Igreja” a aprofundar o caráter comunitário ou comunal da herança de Jesus (DAp, n 154-163).

²⁰⁴ Aparecida elenca algumas características essenciais da Igreja, entre elas destacam-se: a comunhão, o discipulado e a missão. A Igreja é uma comunidade discípula missionária de Cristo. Ela é casa e escola de comunhão (DAp n.158), vivida na diversidade de carismas, ministérios e serviços. Sendo os lugares privilegiados desta comunhão as dioceses, paróquias e Comunidades Eclesiais de Base.

²⁰⁵ EN, n. 23.

²⁰⁶ DAp, n. 395.

²⁰⁷ AUGÉ, M. *Não Lugares*. p. 32

²⁰⁸ Afirma a LG: “A Igreja realiza a sua catolicidade, inserindo-se em cada cultura, no esforço de encarnar o Evangelho. Quanto mais as Igrejas particulares são inculturadas, mais a Igreja universal será católica e quanto mais superar a divisão entre os cristãos, maior será a plena realização de sua catolicidade (16-23), isto porque sua origem nasce da vontade do Pai, que tem em Jesus Cristo seu único mediador e no Espírito Santo, é o princípio de comunhão (LG, n. 13)

Consequentemente, no compromisso de promover os seus direitos inalienáveis²⁰⁹.

O Concílio Vaticano II produziu também uma mudança de horizontes no relacionamento entre o cristianismo e outras religiões. Ele marcou a primeira grande modificação na autoconsciência da Igreja. Primeiro porque removeu a marginalização das pessoas que professam outro credo, compreendendo que elas também têm um contributo a desempenhar na vida e na missão da Igreja. A segunda mudança se deu na chamada para o diálogo entre o cristianismo e outras expressões de fé. Todo o espírito do Concílio foi de abertura. Tomando esta perspectiva, Hans Küng enfatiza a necessidade das religiões para construir pontos em comum ao invés de divisão. Segundo ele, as religiões do mundo têm e devem colaborar de forma concreta e efetiva para construção da paz mundial. Isto pressupõe que as religiões se concentrem mais no que têm em comum e menos no que as divide.

A partir do exposto, pode-se afirmar que o Concílio Vaticano II e seus legados forneceram uma base para desenvolver uma teologia da hospitalidade, porque eles chamam os cristãos a participar de uma forma mais cordial com as pessoas de outras denominações religiosas, o que é também um imperativo de hospitalidade.

A chamada do Concílio Vaticano II é para que a Igreja se empenhe no diálogo e no trabalho em conjunto com pessoas que professam outra fé, o que é de suma importância em sociedades cada vez mais complexas e plurais.

²⁰⁹ JOÃO PAULO II. *Message for the World Day of Migrants and Refugees, 1999*. n. 6. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/migration/documents/hf_jp-ii_mes_22021999_world-migration-day-1999_en.html. Acessado em 30/12/13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ouvindo isto, perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos o que vamos fazer?” (At 2,37). Diante do fenômeno urbano, especialmente do Polo Naval, na Cidade de Rio Grande, esta é uma pergunta que não pode ser preterida, especialmente porque a diversidade cultural e religiosa torna-se um valor em sociedades globalizadas e competitivas.

A cidade, como um todo, integra uma multiplicidade de culturas urbanas, que geram riqueza ou animosidade por parte da comunidade local. Estudos recentes têm refletido sobre a temática da homogeneidade e heterogeneidade que integram a dinâmica citadina, marcada fortemente pela valorização das identidades locais. As comunidades tradicionais tendem a estabelecer vínculos com lugares, eventos e símbolos. Elas representam o que, algumas vezes, é chamado de vínculo de pertencimento, ou o que Marc Augé denominou “lugares antropológicos”.

Hoje, um dos fatores de mobilidade na Cidade de Rio Grande se dá mediante o contingente de pessoas que veem para trabalhar no Polo Naval. Por ser uma cidade portuária e com infraestrutura para os futuros investimentos, Rio Grande recebe trabalhadores e estudantes de diferentes estados do Brasil, bem como de diferentes países, o que instaura um novo tipo de sociabilidade.

O crescimento urbano em Rio Grande, tem se dado de maneira contraditória: anuncia-se “um mar de oportunidades”, mas se assiste o aumento do tráfico de drogas, porte e comércio de armas, assaltos relâmpagos, antes presentes nas grandes áreas metropolitanas brasileiras, hoje realidade no cotidiano da cidade. Ao afirmar isso, não se está desconsiderando o crescimento econômico que é notório, mas sim, observa-se que essa realidade tem sido acompanhada de uma visível pauperização e conflitos identitários por parte de alguns segmentos da sociedade. Tais situações ficam evidentes nas relações de trabalho que têm sido uma das questões mais prementes no extremo sul do Brasil.

Ao analisar a Cidade de Rio Grande e sua trajetória portuária constata-se que em diferentes períodos de sua história, a cidade foi palco de manifestações de ordens sociais e econômicas, inserindo-se em uma dinâmica que oscila entre o global e o local. E mais recentemente, com o advento do Polo Naval, tem-se instaurado o que os sociólogos chamam de pensamento único urbano, que seria a ingerência da globalização financeira sobre a realidade local.

O processo de encontro entre moradores locais, os *estabelecidos* e novos grupos *outsiders* ocorrem não somente na Cidade de Rio Grande, mas, também, em diversos lugares do mundo, sobretudo pelo fenômeno da industrialização, urbanização e desenvolvimento comunitário. Os estereótipos emergem com grande força nesse contexto pela densidade demográfica em espaços cada vez menores, o que coloca o desafio da convivência harmônica e a necessidade de diálogo como forma de superação de conflitos. Em sociedades complexas, têm-se culturas diferentes convivendo em proximidade geográfica. Os conflitos têm se dado pela concepção de planejamento estratégico de desenvolvimento (*top and down*), que ocorreu depois da retomada da Indústria Naval Brasileira, antes restrita ao Rio de Janeiro e agora difundida em outras regiões.

Os malefícios para esse “mar de oportunidades” têm recaído sobre os mais pobres: hospitais superlotados, trânsito caótico, aumento da violência e da criminalidade, uso indiscriminado dos recursos naturais, entre outros. O ocultamento dos conflitos, sobretudo pela ideia que se veicula nos meios de comunicação de massa, é que Rio Grande tornou-se o “eldorado do extremo sul do Brasil”, o que também é um desafio para as comunidades cristãs. Estabelecer um diálogo sincero e honesto com a sociedade para além dos índices meramente econômicos é de extrema importância.

Frente ao desejo do lucro pelo lucro, faz-se necessário dar um sentido diferente à globalização, sabendo, desde já, que o cristianismo, diferentemente de outrora, não goza mais do prestígio social que dispunha no passado para propor uma agenda social. Embora o contexto social seja desfavorável, uma cidade pacífica e solidária precisa de pessoas que estejam dispostas a ir além dos seus próprios interesses.

Urge que nas comunidades cristãs haja compromissos corajosos de contribuir para o florescimento da acolhida e da hospitalidade, onde se torne possível desenvolver uma comunhão na diversidade; o acolhimento ao migrante é uma oportunidade de intercâmbio recíproco.

Apesar de ser conflitiva e ambivalente, a fé é uma fonte de dinamismo e de integração nos relacionamentos comunitários. A contribuição dessa para uma verdadeira diversidade e acolhida deve ser objeto de reflexão, já que há denominações religiosas que têm uma ética de serviço à comunidade, porém há grupos reticentes e refratários, que frente ao desafio de pulverização e fluidez, refugiam-se em atitudes fundamentalistas como forma de ancorar em “um porto seguro”.

A Sagrada Escritura, desde cedo, demonstrou interesse considerável sobre a temática de mobilidade humana e da hospitalidade. É bem verdade que o mesmo não aconteceu no

campo da Teologia Sistemática. Talvez isso tenha ocorrido porque, durante muito tempo, a migração foi considerada um fenômeno apenas social, que pouco ou quase nada tinha a ver com os estudos teológicos. Por isso, buscou-se analisar esses fatores, que não apenas interpelam a Cidade de Rio Grande, mas é um fenômeno global que exige da Teologia cristã uma resposta.

Esta dissertação visou entender a “cidade como espaço de acolhida”. Três fatores motivaram este estudo. O primeiro foi de ordem sociológica, especialmente os conflitos advindos da implantação do Polo Naval, que trouxe para a cidade um contingente muito significativo de trabalhadores, e com isso os conflitos com a comunidade local. Para tal entendimento, buscou-se fazer a fundamentação do contexto urbano e a cidade como expressão deste. O aporte dado por sociólogos como Bauman, Marc Augé, Hall e Lipovetsky e dos teólogos Brighenti e Libânio foram de suma importância. Outras referências também consultadas foram os dados disponibilizados pelo Observatório dos Conflitos do Extremo Sul do Brasil (FURG), pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Uma das questões abordadas foi a difícil relação entre o local e o global.

O segundo fator é de ordem teológica. Trata-se de tomar em consideração os contextos sociais, geográficos e culturais, como “lugar teologal” para uma reflexão sobre a fé cristã. A Teologia não deve apenas ser uma disciplina especulativa, mas deve assumir uma dimensão prática.

O terceiro fator é de ordem prática. Frente aos desafios postos pelo Polo Naval, como ser uma Igreja acolhedora? Há uma forte tendência em transformar as comunidades cristãs em “Igreja do Culto”, de “perfumaria”, pois aí, supostamente, é mais seguro e menos conflitivo, numa perspectiva religiosa desconectada da realidade.

Tais questões lançam luz sobre esse fenômeno controverso, que muitas vezes colocam os cristãos diante de uma encruzilhada: de um lado, o imperativo do acolhimento e, de outro, a busca constante por segurança; a convivência harmônica com os migrantes que chegam e trazem os seus códigos culturais, geram desconfiança e hostilidade. Portanto, alguns pontos de convergência e reciprocidade entre as culturas são imprescindíveis e necessárias. Nesse sentido a discussão teórica, aqui feita, indica a necessidade de propor ações que remetam a constituição da “cidade como espaço de acolhida e de encontro”. Dentre essas proposições destaca-se a urgência de:

- a) Intensificar ações colaborativas e projetos que promovam a cultura da acolhida, estimulando atividades que possibilitem o intercâmbio e a troca de experiências;

- b) Discutir com o poder público os espaços comunitários como parques e ginásios, a fim de que esses sejam lugares de encontro e integração, já que essa é uma das grandes limitações da Cidade de Rio Grande;
- c) Através da Pastoral da Mobilidade Humana, capacitar em todas as paróquias agentes comunitários para serem mediadores de conflitos, bem como implementar uma formação mais específicas para os que atuam nos Conselhos Municipais;
- d) Firmar com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG) uma parceria para ampliação dos cursos de língua portuguesa para estrangeiros;
- e) Aprofundar as indicações e projetos propostos pelo Seminário da Mobilidade Humana, realizado anualmente no mês de junho;
- f) Estimular pesquisa e publicações de livros sobre a temática proposta.
- g) Constituir em todas as paróquias uma equipe que visite periodicamente os locais onde residem os trabalhadores migrantes (alojamentos)

Considerando que tais tarefas são empreendimentos coletivos, esse trabalho constitui-se como contribuição inicial para fomentar a discussão sobre o papel desempenhado pela Igreja local. Obedientes ao mandato de Jesus, “que veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10), como ser Igreja acolhedora em tempo de mobilidade humana?

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. *Porto de Rio Grande: história, memória e cultura portuária*. Porto Alegre: CORAG, 2008.
- AUGÉ, M. *Não Lugares: introdução a uma Antropologia da supermodernidade*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- BROWN, E. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BARRERA, P. Fragmentação do Sagrado e crises das Tradições na Pós Modernidade? Desafios para o estudo da Religião. In: GONÇALVES, P.; TRANSFERETTI, S. L. (orgs): *Teologia e Pós Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 437-63
- BARROS, Marcelo. A reconciliação de quem nunca se separou. Pluralismo cultural e religioso: eixo da Teologia da Libertação. Disponível em: www.servicioskoinonia.org/relat/353p.html. Acessado em 18/11/2012.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2003.
- _____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2004.
- _____. *Confiança e medo na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- _____. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- _____. *Vida para Consumo: a Transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- _____. *Isto não é um diário*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2012.
- BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est_po.html. Acessado em 07/01/14.
- BRIGHENTI, A. *Reconstruindo a Esperança: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. *A Igreja perplexa: novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CARRANZA, B. Juventude em movimento. In: OLIVEIRA, P (org) *Mobilidade religiosa: linguagem, juventude, política*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 207-231.

CAMPESE, G. “Não és mais estrangeira nem hóspede”. A teologia das migrações no século XXI. <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/01/Artigo3.pdf> acessado em 27/08/2013.

CANDANTEN, A. *Povo a Caminho: uma espiritualidade que gera esperança*. 2. ed. Caxias do Sul: Lorigraf, 2007.

CANEVACCI, M. <http://www.overmundo.com.br/overblog/entrevista-com-pensador-massimo-canevacci>. Acessado em 26/05/2013.

CASTELLS, M. *The Informational City: Informations Technology, Economic Restructuring, and the urban-Regional process*. Massachussts: Blackell, 1999.

_____. *O Poder das Identidades*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Questão Urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO. *Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1979.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE. Documento de *Aparecida*. Brasília: CNBB, 2007.

COX, H. *A cidade e o homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FÄRBER, S. *Paraikos como metáfora sobre a provisoriedade da vida*. Dissertação (mestrado). Escola Superior de Teologia. Pós Graduação. São Leopoldo, 2011.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

FORTE, B. *A Teologia como companhia, memória e profecia*. Introdução ao sentido e ao método da Teologia como história. São Paulo: Paulinas, 1991.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Resumo Estatístico, Municípios, 2010. Disponível em: www.fee.tche.br. Acessado em 10/07/2012.

GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente: uma reflexão sobre o livro de Jó*. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. A situação e tarefas da Teologia da Libertação. In GIBERLLINI, R: *Perspectivas teológicas para o século XXI*. Aparecida: Editora Santuário, 2005. p. 85-98.

HALL, S. *A Identidade cultural na Pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE/2010). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431560>. Acessado em: 10/11/13.

JOÃO PAULO II. *Message for the World Day of Migrants and Refugees*, 1999. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/migration/documents/hf_jp-ii_mes_22021999_world-migration-day-1999_en.html. Acessado em 30/12/13.

_____. *Exortação Pós-sinodal Ecclesia in América*. http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america_po.html. Acessado em 12/11/13.

KÜNG, H. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Teologia a Caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico* Campinas: Versus, 2004.

HERVIEU-LEGER, D. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LAURENT, B; REFOULÉ, F. *Iniciación a la Práctica de la Teología*. Dogmática 2 (Vol. III). Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

LIBANIO, J. B. Desafios da Pós Modernidade à Teologia Fundamental. In: GONÇALVES, P.; TRANSFERETTI, S. L. (orgs): *Teologia e Pós Modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 143-171.

_____. *Igreja Contemporânea: encontro com a Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *As Lógicas da Cidade: o impacto sobre a Fé e sob o impacto da Fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*. Coleção: Fé e Realidade. São Paulo: Loyola, 1992.

LIPOVETSKY, G. *La era del Vacío: ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. 7ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1994.

_____. G; CHARLES, S. *Os Tempos Hipermodernos*. Ed. São Paulo, Barcarolla, 2005.

_____. *A Felicidade Paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LÓPEZ, L; URIARTE, P. *Relatório de Pesquisa Exploratória: Rio Grande e suas problemáticas urbana e portuária*. Porto Alegre. UFRGS. 2009.

MARTINS, S. F. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL. *Mesorregião da metade sul do Rio Grande do Sul*. Secretaria de Programas Regionais Integrados, 2001.

MIRANDA, M. F. *A migração como desafio à fé cristã*. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XV, n 28, 2007. p. 197-207.

MOESCH, E.P. *O Padroado e a Igreja do RS*. Disponível em [file:///C:/Users/Admin/Downloads/PadroadoeIgrejanorsport%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Admin/Downloads/PadroadoeIgrejanorsport%20(2).pdf). Acessado em 10/12/12.

PASSOS, J; SOARES, A. M. L (orgs). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *A Religião e as contradições da metrópole: Lógica e Projeto*. In: *A Fé na Metrópole: desafios e olhares múltiplos*. PASSOS, J; SOARES, A.M.L (orgs). São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Teologia e Cidade: panorama histórico e questões atuais*. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, Ano 44, n. 123, p. 257-274, Maio/Agosto 2012.

PAULO VI. *Octogesima adveniens*. In: *Encíclicas e documentos sociais: Da Rerum Novarum a Octagesima Advenies*. São Paulo: Paulinas, 1971.

_____. *Evangelii Nuntiandi*. 11. ed. São Paulo: Paulinas, 1976.

_____. *Populorum Progressio*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

PETROBRAS. *Energia e tecnologia*. Publicações Técnicas. 2010 Disponíveis em: <http://vdpf.petrobras.com.br/vdpf/index.jsp>, acessado em 16/08/2012.

POLO NAVAL DE RIO GRANDE. *Guia Polo naval*. Disponível em: <http://polonaval.com.br/site/tag/rio-grande>. Acessado em 10/03/2012.

PROMINO. *Programa de mobilização da indústria do petróleo e do gás no Brasil*. Qualificação Profissional. Disponível em: <http://portal.promip.com.br/prom/index.do>, acessado em 14 de julho de 2012.

RAMIS, J. Entrevista. *Revista Conexão Marítima*. Ed. 83. Ano 12, 2012, p. 40.

ROLLOF, J. *A Igreja no Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

SANCHEZ, W. *A multiplicidade Religiosa no Espaço Urbano*. In: PASSOS, J. D; SOARES, A, M, L. (orgs). *A fé na metrópole: desafios e olhares múltiplos*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 47-65.

SANTOS, C. *Conflitos e injustiça ambiental em Rio Grande/RA: mapeamento do ano 2011*. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_1lleics/gt7caio.pdf. Acessado em 03/01/14.

SEDAI/FURG. *Desenvolvimento e Consolidação do Polo Naval e Offshore do Rio Grande*. Relatório, 2009. Acessado em 01/08/2013.

SILVA, R. O impacto do Polo Naval no setor imobiliário da Cidade do Rio Grande/RS. Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/download/egg/6/mesa/O_impacto_o_Polo_Naval_no_Setor_Imobiliario_da_cidade_de_RioGrande_RS.pdf. Acessado em 01/07/2013

TEIXEIRA, F. *A Teologia do Pluralismo Religioso na América Latina*. Disponível em: <http://fteixeirialogos.logspot.com.br/2010/04/teologia-do-pluralismo-religioso-na.html>. Acessado em 18/11/2012.

_____. Teologia e Diálogo Inter-religioso. In: ALMEIDA, E; LONGUINI, L. *Teologia para que?* (org). Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p.73-85.

TOURAINÉ, A. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006.

VATTIMO, G. *Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

WERBICK, J. Doutrina da Trindade. In: SCHENEIDER, T (org). *Manual de Dogmática*. Volume II. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 429-509.

ANEXOS



Figura 5 - Vista aérea do Município de Rio Grande



Figura 6 - Impactos Socioeconômicos da última Plataforma construída em Rio Grande (2011-2013)

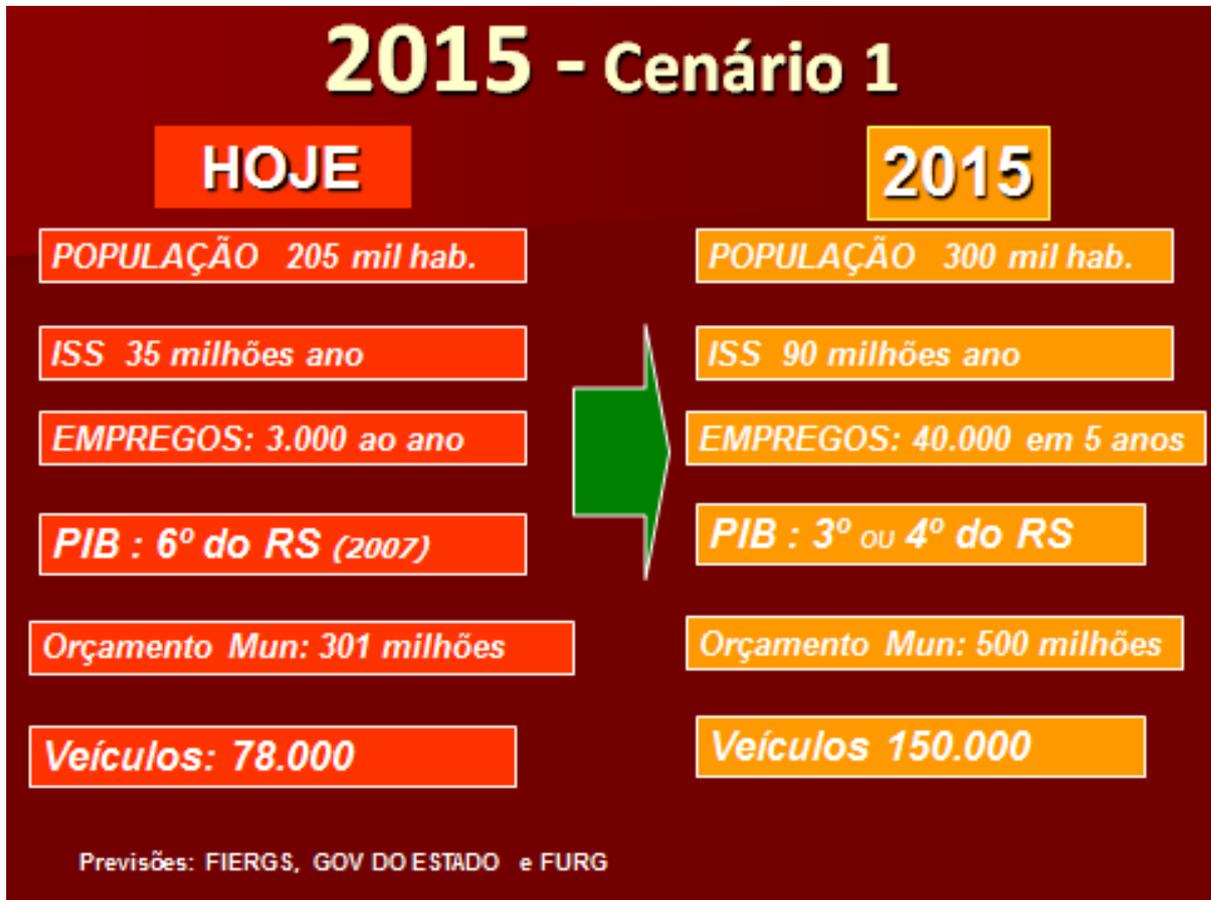


Figura 7 - Quadro de Previsões de Desenvolvimento do Município de Rio Grande

Imagem da página do YouTube onde o vídeo está postado.



The image shows a screenshot of a YouTube video player. At the top left is the YouTube logo with 'BR' and a menu icon. The search bar contains the text 'foge que é baiano'. The video player shows two men, one in a green shirt and cap (labeled 'Vatapá') and one in a yellow shirt (labeled 'Acarajé'), both wearing sunglasses and pointing towards the camera. The video title is 'Foge que é baiano - Vatapá & Acarajé'. Below the video, the channel name 'Vatapa acarajé' is shown with a profile picture, a red 'Inscrever-se' button, and a subscriber count of 104. The video has 70,827 views, 555 likes, and 57 dislikes. Navigation buttons for 'Gostei', 'Sobre', 'Compartilhar', and 'Adicionar a' are visible. The video description includes the text: 'Publicado em 28/01/2013', 'DOWNLOAD: http://www.mediafire.com/?1gh82k887ub...', 'LETRA:', 'Oxi, hahái ..', 'Todo pessoal da p-58, p-55.. Tamo Junto!', and 'Trabalho na "ingivix" sou encarregado ..'.

Figura 8 - Imagem da página do YouTube onde o vídeo está postado

Letra da canção mencionada na pg. 51.

Oxi, hahái ..

Todo pessoal da p-58, p-55.. Tamo Junto!

Trabalho na "ingivix" sou encarregado ..

melhor gato que tem, venha se aproxime ...

OS "ENCARREGADO" VÃO CHEGA ...2x

Eu bebo litrão da "Maínha" com os mano

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Xaveco traveco não to nem "ligano"

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Churrasco segunda, vizinho "acordano"

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Eu curto a Ivete, o Naldo e o Caetano ..

Foge que é baiano, foge que é baiano..

VATAPÁ:

Na festa eu tóco o terrô, só pique parangolé
rebolation na Buarque, lá no Lads tem mulé
encontrei uma encorpada que só podia por
trás

peituda do gogó grande, conheci na silva
paes.

Eu bebo litrão da "Maínha" com os mano

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Xaveco traveco não to nem "ligano" ...

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Churrasco segunda, vizinho "acordano"

Foge que é baiano, foge que é baiano..

Banda Eva, araketo, Munhoz & Mariano ...

Foge que é baiano, foge que é baiano..

ACARAJÉ:

De boombox no busão, gel, cabelo do

Neymar

Tem cavaco, tem tantan, viação noiva do mar

Agora eu fiquei doce e é assim que eu

sobrevivo

To tirando onda no rolé de seletivo ...

To-to tirando onda no rolé de seletivo, eu to
tirando onda ...

OS "ENCARREGADO" VÃO CHEGA .. 4x

Se eu tiver boombox? FOGUE QUE É

BAIANO ..

E loco de cerveja ? FOGUE QUE É BAIANO

..

Tem churrasco todo dia ? FOGUE QUE É

BAIANO ..

Tem segunda e quarta-feira ? FOGUE QUE É

BAIANO .. 2x

"Vatapá e Acarajé... Salvador Dalí, Salvador
é aqui .. Rio Grande .. OXI!"

Comentários classificados pelo YouTube como principais.

The image shows a screenshot of the YouTube interface. At the top left is the YouTube logo with 'BR' next to it. To its right is a search bar containing the text 'foge que é baiano'. Below the search bar is a dropdown menu labeled 'Principais comentários'. The main content area displays five comments, each with a profile picture, the user's name, the time since the comment was made, the text of the comment, and interaction icons (like, dislike, reply).

Principais comentários

Robert Henrique 3 meses atrás
 Nego briga até por estado? Depois quando vier uma guerra mundial ai, quero ver quantos vão sobreviver nessa picuinha gay do caralho de "Estado x Estado". Gente pau no cu, tem no Brasil todo. E nesses comentários um falando mal do outro, é a certeza que isso é a mais pura verdade.

Josué Gonçalves 1 mês atrás
 Isso é que é música! mostra bem o nível cultural desse povinho metido a merda! Só sabem criticar os nordestinos, enquanto curtem uma porcaria dessas e ainda se acham no direito de criticar alguém.

Christopher Díaz Martínez 2 meses atrás
 Acho uma babaquice vocês discutindo que baiano é nal educado, não vai pra faculdade etc. Eu sou baiano, morei dois anos entre Erechim, Santa Maria e Rosário do Sul E observei que muitos gaúchos não tem ensino médio completo e jamais sai falando que gaúcho é semi-analfabeto. Na minha terra que é a Bahia também tem muita gente que

Francisco Barreto 1 mês atrás
 Para além dos comentários xenofóbicos, característicos de pessoas incultas, sou da Bahia e achei a música bastante dançante e provocativa. Em momento algum ofensiva. Quanto ao debate a respeito da postura de alguns baianos em Rio Grande, recomendo aos ofendidos que se defendam, mas, por favor, sem generalizações. Nenhuma pessoa deste mundo me representa, pois, a minha defesa eu mesmo faço.

Hamilton Cardoso via Google+ 1 ano atrás
 FOOOOOOOOOOGE !

Figura 9 - Comentários classificados pelo YouTube como principais